

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL - UFFS
CAMPUS CERRO LARGO/RS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO E
POLÍTICAS PÚBLICAS - PPGPP

GLÁDIS GRESELE KOSCREVIC

A ASCENSÃO DO NEOCONSERVADORISMO NA POLÍTICA BRASILEIRA E
AS REPERCUSSÕES NA DEMOCRACIA:
UMA ANÁLISE COMPARATIVA DOS DISCURSOS DE BOLSONARO E DO
LÍDER DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS

CERRO LARGO/RS

2024

GLÁDIS GRESELE KOSCREVIC

**A ASCENSÃO DO NEOCONSERVADORISMO NA POLÍTICA BRASILEIRA E
AS REPERCUSSÕES NA DEMOCRACIA:
UMA ANÁLISE COMPARATIVA DOS DISCURSOS DE BOLSONARO E DO
LÍDER DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Políticas Públicas (PPGDPP) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento e Políticas Públicas.

Orientador: Prof. Dr. Ivann Carlos Lago

CERRO LARGO/RS

2024

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Koscrevic, Gládis Gresele

A ASCENSÃO DO NEOCONSERVADORISMO NA POLÍTICA
BRASILEIRA E AS REPERCUSSÕES NA DEMOCRACIA: UMA ANÁLISE
COMPARATIVA DOS DISCURSOS DE BOLSONARO E DO LÍDER DA
IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS / Gládis Gresele
Koscrevic. -- 2024.

86 f.

Orientador: Doutor Ivann Carlos Lago

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da
Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em
Desenvolvimento e Políticas Públicas, Cerro Largo,RS,
2024.

1. Neoconservadorismo. 2. Neofascismo. 3. Bolsonaro.
4. Edir Macedo. 5. Democracia. I. Lago, Ivann Carlos,
orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III.
Título.

GLÁDIS GRESELE KOSCREVIC

**A ASCENSÃO DO NEOCONSERVADORISMO NA POLÍTICA BRASILEIRA E
AS REPERCUSSÕES NA DEMOCRACIA:**

**UMA ANÁLISE COMPARATIVA DOS DISCURSOS DE BOLSONARO E DO
LÍDER DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Políticas Públicas (PPGDPP) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento e Políticas Públicas.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 01/03/2024.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Ivann Carlos Lago - UFFS
Orientador



Prof. Dra. Aline Adams - IFFar
Avaliadora



Prof. Dr. Edemar Rotta - UFFS
Avaliador

AGRADECIMENTOS

Inicialmente agradeço aos meus pais, por sempre preocuparem-se com o meu bem-estar e darem liberdade, suporte e apoio as minhas escolhas.

Agradeço aos amigos que me estimularam e foram companhia em diversos momentos, em especial à Vanessa, que despertou em mim o interesse pela docência e a busca pelo mestrado, e à Carolina que forneceu-me todo suporte necessário em Cerro Largo/RS.

Agradeço ao meu orientador, Professor Ivann Carlos Lago, por sua disponibilidade, paciência e interesse em orientar e buscar a melhor maneira de conduzirmos o presente trabalho. Agradeço aos colegas e professores do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Políticas Públicas, que compartilharam seu conhecimento, e à Universidade da Fronteira Sul (UFFS) por oportunizar em nossa região um mestrado público, gratuito e de qualidade.

Sem vocês eu não teria chegado até aqui, fica registrado aqui o meu muito obrigada!

“Liberdade e libertação são uma tarefa que não acaba nunca”.
(Eco, 2018, p.45).

RESUMO

O presente trabalho tem como foco central a análise dos discursos do bispo Edir Macedo, líder da Igreja Universal do Reino de Deus, e do ex-presidente da República Jair Messias Bolsonaro. A IURD é a maior representante do segmento neopentecostal no Brasil; ao inserir-se na política partidária assume uma postura neoconservadora e neoliberal, pautas que Bolsonaro adotou em toda sua trajetória política. O objetivo de tal análise é identificar elementos que, segundo a caracterização de Umberto Eco são característicos do fascismo. Para compreensão do contexto atual, em que religião e política partidária estreitam relações em prol de pautas comuns, o referencial teórico descreverá as origens do neoconservadorismo e do neopentecostalismo no Brasil. Ainda serão abordadas as definições do fascismo contemporâneo (neofascismo) e da democracia, para assim tecer uma reflexão sobre a repercussão da ascensão do neoconservadorismo e do neofascismo na democracia brasileira e na formulação das políticas públicas. O tratamento de dados da presente pesquisa ocorreu de forma qualitativa, pois os dados coletados por meio da pesquisa bibliográfica foram analisados, comparados, e o estudo foi concluído por meio da interpretação sobre as informações obtidas, com a finalidade de apontar os efeitos da ascensão de grupos neofascistas na democracia brasileira e indicar alternativas para fortalecê-la. A interpretação da autoria permeia todo o estudo, sendo a hermenêutica o centro das ações cognitivas. Através da análise de discursos evidencia-se que em ambos estão presentes as características elencadas por Eco: em Macedo ficam mais evidentes os elementos de fundo da ideologia fascista, suas bases conceptuais, e em Bolsonaro verifica-se com mais frequência a parte operacional dessa ideologia, sua dimensão mais factível e empírica. A influência direta da religião no Estado é responsável por polarizar ainda mais a sociedade, dividindo-a em grupos e dificultando o encontro de pontos de consenso em prol de um bem em comum. Tal ascensão do neoconservadorismo e do neofascismo na política compromete a laicidade do Estado e a busca pelo bem comum, pondo em risco o avanço de décadas de luta por visibilidade e criação de leis e políticas públicas para minorias historicamente excluídas das decisões estatais.

Palavras chave: Neoconservadorismo. Neofascismo. Edir Macedo. Bolsonaro. Democracia.

ABSTRACT

The present work has as its central focus the analysis of the speeches of Bishop Edir Macedo, leader of the Universal Church of the Kingdom of God, and the ex-president of the Republic Jair Messias Bolsonaro. The IURD is the largest representative of the neo-Pentecostal segment in Brazil; when inserted into party politics, assumes a neoconservative and neoliberal stance, guidelines that Bolsonaro developed throughout his political career. The objective of such analysis is to identify elements that, according to Umberto Eco characterization, are characteristic of fascism. To understand the current context in which religion and party politics strengthen relations in favor of common agendas, the theoretical framework will describe the origins of neoconservatism and neo-Pentecostalism in Brazil. The definitions of contemporary fascism (neofascism) and democracy will also be addressed, in order to reflect on the repercussions of the rise of neoconservatism and neofascism on Brazilian democracy and the formulation of public policies. The data processing of this research occurred in a qualitative way, as the data collected through bibliographical research were analyzed, compared and the study was concluded through the interpretation of the information obtained, with the purpose of examining the effects of the rise of neo-fascist groups on Brazilian democracy and indicate alternatives to strengthen it. The interpretation of authorship permeates the entire study, with hermeneutics being the center of cognitive actions. Through the analysis of discourses, it is evident that in both the characteristics listed by Eco are present: in Macedo the basic elements of the fascist ideology, its conceptual bases, are more evident, and in Bolsonaro the operational part of this ideology, its more feasible and empirical dimension, is more frequently verified. The direct influence of religion in the State is responsible for further polarizing society, dividing it into groups and making it difficult to find points of consensus for the sake of a common good. Such a rise of neoconservatism and neofascism in politics compromises the secularity of the State and the search for the common good, jeopardizing the progress of decades of struggle for visibility and the creation of laws and public policies for minorities historically excluded from state decisions.

Keywords: Neoconservatism. Neofascism. Edir Macedo. Bolsonaro. Democracy.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 SUPORTE TEÓRICO	14
2.1 NEOCONSERVADORISMO: ORIGEM, HISTÓRIA, CONCEPÇÕES.....	14
2.2 AS BASES DO PENTECOSTALISMO.....	20
2.3 O NEOPENTECOSTALISMO E A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS - IURD.....	24
2.4 O NEOPENTECOSTALISMO NA POLÍTICA BRASILEIRA.....	29
2.5 NEOFASCISMO: CONCEPÇÃO E HISTÓRIA.....	34
2.6 DEFINIÇÃO DE DEMOCRACIA E DE FASCISMO.....	43
3 O DISCURSO DE BOLSONARO E DE MACEDO E SUA APROXIMAÇÃO COM O FASCISMO	50
3.1 PREÂMBULO METODOLÓGICO.....	50
3.2 O NEOFASCISMO COMO MARCA DE BOLSONARO E MACEDO.....	52
3.3 REPERCUSSÕES NA DEMOCRACIA.....	68
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
REFERÊNCIAS	79

1 INTRODUÇÃO

A soberania popular é um princípio basilar do Estado Democrático de Direito brasileiro, e é por meio do voto direto e secreto que a população escolhe seus representantes. Devido a sua enorme diversidade cultural e econômica, a população brasileira fragmenta-se em diversos grupos sociais e cada um deles busca a própria visibilidade. A política surge como instrumento de autoafirmação dos interesses corporativos formulados e perseguidos pelos grupos sociais e, para que os políticos que melhor lhes representam alcancem o poder, é necessária a conquista do maior número de simpatizantes, engajados nesses mesmos interesses ou manipulados em seu nome. É por meio do marketing político e dos debates na disputa por simpatizantes e votos que os candidatos têm a oportunidade de convencer os eleitores de que eles serão os seus melhores representantes.

O homem é, por natureza, um ser político e suas ações são reflexo de suas vivências e de suas condições sociais, culturais, econômicas e educacionais. O voto é a maior ferramenta de exercício da democracia, mas está longe de ser o único. Para a manutenção e funcionamento da democracia existem diversos pilares em um Estado Democrático de Direito que precisam ser respeitados e protegidos. A autonomia e a legitimidade de suas instituições são elementos fundamentais para a consolidação do regime democrático.

Nos últimos anos, especialmente neste início de século XXI, a democracia e suas instituições têm sofrido diversos ataques no mundo todo. Cientistas políticos como Armando Boito Júnior (2020) e Jessé Souza (2019), apontam um fenômeno que é tanto causa quanto efeito desse processo: a ascensão ao poder de governos nacionalistas de extrema-direita, com retóricas conservadoras e que remontam ao fascismo vivenciado em um passado não tão distante. O Brasil vivencia esse mesmo fenômeno de ascensão de grupos (neo)conservadores e (neo)fascistas, caracterizado, entre outros elementos, pelo saudosismo a um passado mítico, pelo anti-intelectualismo, pela irracionalidade, obsessão pela hierarquia, ansiedade sexual, apelo à noção de pátria e desarticulação da união e do bem-estar público.

Os últimos acontecimentos no cenário mundial, que têm influenciado a descrença na democracia e incentivado outras teorias irracionais no campo da política, pode ser definido como o neofascismo contemporâneo, conforme Souza

(2019). O fenômeno do neofascismo, em todo o mundo, tem o mesmo pano de fundo, mas em cada sociedade a forma assumida tem especificidades.

O cenário político brasileiro vivencia uma onda conservadora. Lacerda (2022) relata que no ano de 2015 assumiu a bancada de deputados e senadores mais conservadora desde 1964, e a partir daí cresce uma direita que é defensora radical dos valores da família tradicional e do liberalismo econômico, denominada por muitos pesquisadores como o “neoconservadorismo”.

Denota-se, no cenário recente da política brasileira, constantes ataques às instituições democráticas e basilares da democracia, somados à ascensão de pautas conservadoras e neofascistas. O presente estudo abordará as origens do neoconservadorismo, do neopentecostalismo, do neofascismo e a influência deles na política brasileira. Nesse contexto, serão relacionados o neofascismo, a extrema-direita brasileira e a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), a maior igreja representante do segmento protestante neopentecostal.

A pesquisa busca construir uma análise teórica que ajude a compreender o fenômeno da aproximação do neoconservadorismo com o neofascismo no Brasil e suas relações com o neopentecostalismo. A partir das características do fascismo enumeradas por Umberto Eco na obra “O fascismo eterno” busca-se identificar e em que medida elas estão presentes nos discursos oficiais da Igreja Universal do Reino de Deus - IURD, vocalizado pelo seu líder, Edir Macedo, e nos discursos da extrema-direita, representada por Jair Messias Bolsonaro. A análise objetiva analisar se tais discursos apresentam em sua constituição argumentativa e nas ideias políticas que dissemina, os elementos que permitem classificá-los como (neo)fascistas.

Quando a política passa a ter forte apelo religioso e deixa de buscar o bem comum para satisfazer interesses religiosos e morais, qual será a repercussão na democracia? A partir da eleição de representantes vinculados às igrejas neopentecostais, que pautas e projetos de leis tais candidatos buscam aprovar e expandir? Quais são os impactos na criação de políticas públicas quando os seus legisladores têm a religião como base para a tomada de decisões?

Na busca de respostas para tais problemas e questionamentos, a presente pesquisa apresenta relevância para o mestrado em Desenvolvimento e Políticas Públicas, visto que tais fatos influenciam diretamente no desenvolvimento e na criação de políticas públicas.

Para Sen (2010), a participação e as divergências políticas são partes constitutivas do desenvolvimento. A liberdade política é uma das liberdades instrumentais que o sujeito dispõe para realizar escolhas conforme suas ideologias: qual representante irá governar, qual seu partido político, além da liberdade para fiscalizar e criticar tais autoridades. Essa liberdade inclui os direitos políticos e a democracia em um sentido mais abrangente.

Conforme Sen (2010), o desenvolvimento pode ser visto como a expansão das liberdades humanas em geral, sendo a liberdade política um meio para a promoção detal desenvolvimento. Sendo assim, o presente estudo apontará qual a repercussão na democracia quando a liberdade política é constrangida por discursos religiosos, que se utilizam da fé e da figura de Deus para direcionar a vontade política de seus fiéis, e qual o impacto no desenvolvimento quando os interesses de grupos religiosos e neofascistas orientam a criação e o direcionamento de políticas públicas.

O tema deste estudo possui grande relevância acadêmica e social, considerando a ascensão no Brasil de grupos políticos de extrema-direita, apoiados em valores morais, religiosos e neoliberais, com discursos e ações que repetem características do “Ur-Fascismo”¹ ou fascismo eterno descrito por Umberto Eco.

A pesquisa é estruturada em dois capítulos, o primeiro conta com o referencial teórico, descrevendo os principais temas que serão basilares ao capítulo seguinte: o neoconservadorismo e suas origens, as bases do pentecostalismo e da Igreja Universal do Reino de Deus, a inserção do neopentecostalismo na política, a democracia e o neofascismo; esse último tema abordará as características descritas por Umberto Eco como capazes de identificar um fascista.

O segundo capítulo traz a metodologia da pesquisa e é a seção central do presente estudo, em que são interpretados os dados obtidos por meio da análise de discursos do ex-presidente da República Jair Messias Bolsonaro e do líder neopentecostal Edir Macedo. O alinhamento de ideais entre ambos é nítido, o que instiga o interesse em verificar qual a relação entre eles e se em seus discursos estão presentes as características do fascismo apresentadas por Umberto Eco.

¹ Eco ao fazer uma distinção entre “fascismo histórico” e “fascismo eterno”, grafa o segundo como o “ur-fascismo” e recorre ao uso psicanalítico da partícula “ur”, como originário ou primordial. Ao fazer isso, o autor avança uma definição de fascismo para além da experiência histórica europeia da primeira metade do século XX. A partir de sua caracterização é possível conceituar o fascismo, independente do período histórico (VENÂNCIO, 2019).

A conclusão se dará a partir da definição conceitual e análise dos discursos, abordando a repercussão da aproximação entre religião e política partidária, apontando possíveis riscos à democracia brasileira, advindos da ascensão de pautas conservadoras de cunho religioso no âmbito político.

Uma das características fundamentais da modernidade é a valorização da racionalidade, pois a religião deixou de ser a base para explicar o mundo, tomando a ciência esse lugar de legitimidade. No entanto, na contemporaneidade, no bojo do que tem sido chamado de pós-modernidade, a ciência já não é concebida como a única fonte da verdade. Neste cenário, a política brasileira presencia a ascensão de representantes de pautas neoconservadoras e demarcante viés religioso, reacendendo pautas como a “cura gay”, discursos “antivacinas”, intolerância religiosa e a defesa da família tradicional, culpabilizando o declínio no campo moral, conforme os parâmetros religiosos, pelas mazelas sociais.

2 SUPORTE TEÓRICO

Neste capítulo são abordados os temas essenciais para contextualizar o atual cenário político brasileiro; é a partir do embasamento teórico que torna-se possível realizar a análise de discursos na seção seguinte e formular reflexões sobre as repercussões no campo democrático brasileiro.

2.1 NEOCONSERVADORISMO: ORIGEM, HISTÓRIA, CONCEPÇÕES

Historicamente, o conservadorismo foi um movimento que surgiu em contraposição à modernidade. Segundo Souza (2015), o conservadorismo clássico é um sistema de ideias antimodernas, antirrepublicanas, antiliberais e antiburguesas. Sua identificação no tempo ocorre entre 1789 e 1914, e sua constituição é atribuída a uma reação ideológica e política aos avanços da modernidade.

Conforme Moll Netto (2010), a ideologia conservadora reconstruiu-se nos EUA a partir de 1950. Essa reconstrução ficou conhecida como nova direita ou neoconservadorismo; a ideologia neoconservadora resgatou pressupostos do velho conservadorismo e do libertarianismo, sendo que a fusão inusitada dessas duas correntes foi a grande novidade do neoliberalismo.

Nesse novo arranjo, o conservadorismo reconfigura-se de reação a modernidade para assumir posições supostamente progressistas, adotando uma postura próxima do liberalismo, seu antigo antagonista. A nova agenda conservadora, comprometida com os ideais neoliberais do mercado, é denominada “neoconservadorismo”, que, conforme Souza (2015), conseguiu mesclar a tradição conservadora clássica com os ideais do livre mercado exigidos pelo capital.

Esse é o cenário histórico (real) de contradições que requisita, dos “neoconservadores” de então, novas bases ídeo-políticas. Destaque (dentre outros) cabe ser feito à contribuição que a apropriação do conceito de “totalitarismo”, de Hannah Arendt (1989), significou para o conservadorismo moderno. O nivelamento das experiências fascistas e socialistas, sob o conceito de “totalitarismo”, ofereceu uma chave mestra conceitual para o pensamento conservador. O conservadorismo moderno incorporou o conceito de “totalitarismo” nesses termos niveladores e, com ele, elaborou uma concepção de mundo que encastela o significado ontológico do tempo presente, esvaziando-o do devir histórico. Realiza esse encastelamento através, de um lado, da blindagem do presente em relação às “utopias” revolucionárias, que desejam transformar radicalmente a sociedade vigente. De outro, projetando-se contrários às “utopias” reacionárias, aferradas que são às formas do passado. Com essa blindagem “presentista” (nem passado

- reacionário, nem futuro - revolucionário, somente o presente importa), o conservadorismo moderno acredita estar se movendo em bases "progressistas", uma vez que rejeita, equalizando, tanto as "utopias" revolucionárias, quanto reacionárias, ambas concebidas, pejorativamente, como idealizações potencialmente "totalitárias" (Souza, 2015, p.6-7).

O conservadorismo clássico, conforme Moll Neto (2010), possui três raízes históricas: a tradição anti-revolucionária, que prega a manutenção das instituições tradicionais; a reação conservadora à revolução industrial, que valoriza o capitalismo e as hierarquias da vida agrária, em face da indústria e da mecanização da vida; e o tradicionalismo fundado na teologia cristã, pois para tais religiosos o principal problema moderno era a decadência da moral e a perda dos valores espirituais. Sendo assim, para preservar a liberdade, a família, a comunidade, a igreja e o Estado, esse grupo entendia que deveria garantir-se a ordem social e moral da sociedade.

Já a lógica libertária clássica, segundo Moll Neto (2010), pressupõe que qualquer esforço para definir interesses comuns da sociedade fere a liberdade individual, pois não existem padrões morais gerais, sendo os valores morais próprios dos indivíduos. Sob a visão libertária, somente o capitalismo puro é capaz de promover avanços sociais, produzir riquezas e proporcionar a realização pessoal e a felicidade.

Portanto, as diferenças entre libertários e conservadores clássicos eram imensas. Conforme Moll Neto (2010), para fundir tais ideários contraditórios e resultar nas bases ideológicas do neoconservadorismo, os intelectuais resgataram dos conservadores a ênfase moral do tradicionalismo, que serviu para atacar o Estado de Bem-Estar Social e os movimentos sociais liberais. Por sua vez, do libertarianismo foi resgatada a ideia de que a sociedade possui uma relação contratual entre indivíduos e não de interesses e objetivos coletivos. Para o ideário neoconservador, os projetos estatais não deveriam limitar as liberdades, sobretudo a econômica. Já a defesa do livre comércio e a redução do papel do Estado justificava-se devido à liberdade individual ser um valor fundamental e responsável pela riqueza da nação.

Embora divergissem em muitos pontos, os conservadores clássicos e os neoconservadores nutriam um sentimento anti-revolucionário e se opunham aos movimentos de contracultura e aos programas sociais liberais da década de 1960. Conforme Moll Neto (2010), a crescente rejeição ao governo liberal americano potencializou os neoconservadores, sendo que muitos liberais que rejeitaram o liberalismo reformista dos anos 1960 apoiaram o neoconservadorismo.

Conforme Moll (2015), sobretudo nos anos 1960, os intelectuais de tendências neoconservadoras apontavam as transformações socioculturais e os programas sociais como os causadores dos problemas que assolaram os EUA, principalmente no campo moral. A crise da década de 1970 foi o ambiente ideal para a mobilização de neoliberais e de neoconservadores, momento em que o neoconservadorismo ganhou popularidade.

Bedin e Nielsson (2013) destacam que a década de 1970, conduzida pela crise do petróleo, trouxe os primeiros e mais significativos problemas ao Estado de bem-estar social, entre eles a estagnação econômica, a elevação dos índices de inflação e o desemprego. Tais problemas levaram a uma forte crítica à participação do Estado na economia e conduziram à adoção dos ideais neoliberais, como a defesa de um Estado mínimo.

Na medida em que o liberalismo na década de 1980 começou a incluir as novas demandas, como o combate à desigualdade social e os direitos das mulheres e LGBTs, segundo Lacerda (2018), os intelectuais insatisfeitos com as pautas progressistas afastaram-se desse grupo e aliaram-se à direita secular do partido Republicano dos EUA. Tais grupos, convertidos ao neoconservadorismo, acreditavam que os liberais passaram a perseguir um igualitarismo pervertido e abstrato; sendo assim, só o capitalismo promoveria a verdadeira moral e a virtude pública, tendo a religião papel fundamental para disciplinar os indivíduos, preservar a estabilidade social e transmitir os valores morais tradicionais. A essa aliança neoconservadora foi também dado o nome de “nova direita”.

O termo neoconservadorismo é definido por Lacerda (2010) como o movimento que surgiu nos Estados Unidos da América (EUA) referente “à coalizão que reuniu parcela majoritária do movimento religioso evangélico, elementos da direita secular do Partido Republicano e intelectuais na eleição de Ronald Reagan como presidente dos Estados Unidos em 1980” (Lacerda, 2018, p.20).

Conforme Lima (1991), após os dois períodos do governo Reagan nos EUA, de 1981 a 1989, os dois terços da população que constituíam o protestantismo estavam tomados por um misto de excitação patriótica e religiosa. Com valores tradicionais reavivados, uma onda neoconservadora ascendeu no país. Reagan representava o modelo que o americano comum admirava: um herói típico que era ousado, aventureiro e dado a bravatas, que governava o país como se fosse protagonista de um filme americano, no qual é o mocinho que combate os vilões. Nesse período, o

neoconservadorismo escalava entre os jovens americanos e minava todos os círculos de opinião nos EUA, enquanto a oposição era silenciada.

O revigoramento de antigos valores ético-políticos junto ao fundamentalismo protestante celebra, a partir do início da década de 80, a ascensão de sua aliança com o neoconservadorismo. O protestantismo tradicional perdeu vigor, ao mesmo tempo em que o fundamentalismo se fortaleceu. Fundamentalismo é definido por Lima (1991) “como uma corrente formada no seio das igrejas protestantes de reação a interpretação racionalista e literal da Sagrada Escritura e, em geral, da fé cristã” (Lima, p.32). O autor aborda o fundamentalismo resumidamente como “infalibilidade da bíblia, virgindade de Maria, ressurreição corporal e segunda vinda de cristo” (Lima, p.33).

Diversas denominações religiosas, devido a sua posição oficial, podem ser definidas como fundamentalistas. O fundamentalismo como parte da história do protestantismo começou no final do século XVII, consolidou-se em várias denominações religiosas e entrou no século XX “com o pé direito”. Conforme Lima (1991), o avanço foi espetacular, disseminado na televisão e nas rádios; as transmissões patrocinadas por instituições fundamentalistas insistem em juntar sentimento religioso conservador com a ação política conservadora, o que é apontado pelos pregadores como responsável pela manutenção da hegemonia dos EUA, em meio a um mundo repleto de falta de fé e ausente de amor a Deus.

Segundo Lima (1991), ao passo que os fundamentalistas ganhavam terreno, isso também ocorria com o neoconservadorismo, pois o vínculo entre ambos é indissolúvel. As pautas neoconservadoras cooptaram conservadores e religiosos. Para Moll Neto (2010), a relação entre neoconservadores e a direita cristã nos EUA foi expandindo-se, na medida em que ambos cresciam.

Conforme Lacerda (2018), o movimento neoconservador define tanto o movimento intelectual quanto o político. O primeiro foi precedente e refere-se às produções de acadêmicos e estudiosos anticomunistas e defensores do liberalismo econômico; o segundo refere-se à coalizão neoconservadora, que levou à eleição de Ronald Reagan, em 1980, como presidente dos EUA.

O engajamento dos evangélicos na política começou por volta de 1950. Além de valores religiosos eles disseminavam opiniões anticomunistas e pró-capitalismo aos seus fiéis. A partir dos anos 1970, a direita cristã, formada por evangélicos com vínculos com a renovação carismática católica, organizou-se e adquiriu poder de massa; a aprovação da ERA (sigla em inglês para a Emenda de Direitos Iguais), em 1970, foi um dos primeiros movimentos políticos nos EUA que levaram à união da no-

va direita secular e da direita cristã. Segundo Lacerda (2018), eles formaram um movimento contrário à garantia de igualdade entre homens e mulheres que a emenda estabelecia. Para os evangélicos, parcela majoritária da direita cristã, tal emenda estimulava o divórcio, o trabalho feminino fora de casa e desestabilizava os papéis de homens e mulheres na sociedade.

A direita secular já levantava a bandeira do anticomunismo, do tradicionalismo moral e do liberalismo econômico, mas seu interesse foi atrair a direita cristã na coalizão, para contar com o poder eleitoral dos evangélicos. Para Lacerda (2018), a pauta da coalizão tornou-se oposição às políticas de distribuição de poderes para as minorias e atuou na defesa de comportamentos tradicionais de gênero, o que tornou-a o grupo político mais homogêneo e bem organizado nos EUA na década de 1980.

Lacerda (2018) define o neoconservadorismo como um movimento com ideário conservador e de direita, que dá ênfase a temas ligados à sexualidade, à família e aos valores cristãos. O neoconservadorismo dispensa muito interesse às questões sexuais e reprodutivas, busca cultivar a dominação masculina e a manutenção da estrutura da família tradicional. Nesse contexto, o feminismo é compreendido como o responsável pelas disfunções na sociedade, como a rejeição à autoridade masculina e a divisão sexual do trabalho, o que seria causador de vários problemas sociais que resultam, entre outras coisas, na pobreza.

Conforme Lacerda (2018), para os neoconservadores a família estável e intacta é o melhor programa contra a pobreza, pois com a família tradicional mantida o Estado não precisará de políticas públicas. Tal reação contra políticas públicas promotoras do bem-estar social fortalecem a ideia privatista, além de sustentarem na figura masculina o poder de controle de sua família.

Lacerda (2018) sustenta que o neoconservadorismo nos EUA é uma aliança entre os interesses convergentes dos cristãos evangélicos de direita, de grandes empresas e de intelectuais neoconservadores. Entre os elementos defendidos por tal aliança podem ser elencados: militarismo, família patriarcal, anticomunismo, neoliberalismo e o ideal de punir.

O militarismo anticomunista surge no contexto da Guerra Fria, no combate à União Soviética e aos princípios anticapitalistas. Para Lacerda (2018), os EUA promoviam os valores capitalistas em suas relações internacionais, sendo que a exportação da direita cristã na América Latina fez parte da promoção de valores norte-americanos para o mundo.

O idealismo punitivo defende o uso intensivo do poder coercitivo do Estado no

combate à criminalidade, além da reivindicação de armas para os “cidadãos de bem”. O retrocesso nas políticas sociais resulta na expansão do sistema penal. Segundo Lacerda (2018), o neoconservadorismo exige um Estado mínimo econômico e social, porém máximo ao tratar das punições.

Nesse estado de insegurança causado pela diminuição da proteção social gera-se o agravamento de políticas de segurança e sentimentos negativos, sendo que tal sistema escolhe os culpados pelos problemas sociais, centrado na brutal desigualdade e exclusão. “O neoconservadorismo é uma manifestação explícita do autoritarismo implícito ao neoliberalismo. A ênfase nos princípios morais que o neoconservadorismo tem seria o antídoto contra o caos dos direitos individuais a que o neoliberalismo leva” (Lacerda, 2018, p.58).

No entendimento de Silva (2014), historicamente o autoritarismo foi um instrumento eficaz para adequar a sociedade civil à estrutura econômica, coercitivamente, seja a coerção militar, jurídica ou policial. O autoritarismo, para Silva (2021), abrange em seu conceito a negação da igualdade entre os homens, dando prioridade à hierarquia para manutenção da ordem social. Sendo assim, ele é instrumento utilizado pelas pautas neoconservadoras e religiosas para assegurar a harmonia social e justificar as desigualdades sociais como resultado da ‘vontade divina’.

No Brasil, a Constituição Federal de 1988, reconheceu diversos direitos individuais e coletivos aos cidadãos, reafirmando a necessidade da criação de políticas públicas para que tais direitos pudessem ser efetivamente alcançados por toda população. A partir de 1990 pautas igualitárias para sujeitos sociais subalternizados e discriminados ganham força nas esferas políticas brasileiras, movimentos sociais feministas, negros, gays e de grupos marginalizados ascendem no cenário político. Em contraposição a esses grupos, agentes antagônicos intensificam demandas moralistas, tais grupos de natureza heterogênea reúnem políticos de direita, personalidades influentes em redes sociais e líderes religiosos que, conforme Teixeira e Henriques (2022), passam a exigir um Estado orientado pela moral conservadora, com maior capacidade punitiva, mas economicamente neoliberal.

As pautas dos conservadores coincidem com o espectro político de direita e extrema-direita, no entanto, para Teixeira e Henriques (2022), tais conceitos não são sinônimos, visto que o neoconservadorismo vai além de questões econômicas e securitárias de Estado arrimadas pela direita, visto que soma aos aspectos econômi-

cos bandeiras relacionadas ao papel da mulher na sociedade, exclusão de direitos de grupos que não se enquadram nos papéis tradicionais de gênero e a defesa radical de valores cristãos.

No Brasil, se desenha o seguinte cenário: A atuação pró-família como núcleo da sociedade segue ganhando adeptos dentro e fora do congresso; as reações contra a agenda LGBTQIA+T e as discussões sobre a descriminalização do aborto tornam-se cada vez mais agressivas; a atuação parlamentar pelo rigor criminal (a intensificação de clamores pela diminuição da maioria penal, em maior grau, e pela instituição da pena de morte, em menor) e as demandas por privatização e diminuição do Estado encontram defensores em bancadas organizadas, como a chamada Bancada BBB – Boi, Bala e Bíblia em referências aos interesses daqueles que a compõem, o agronegócio, o armamento civil e a bancada evangélica (Teixeira e Henriques, 2022, p.10)

Teixeira e Henriques (2022) apontam que há mais do que similaridades entre movimentos neoconservadores internacionais com os grupos que representam a agenda neoconservadora brasileira, para os autores o conservadorismo brasileiro se vale da adaptação e atualização de ideais neoconservadores estrangeiros. Há no cenário nacional a coexistência de componentes religiosos, políticos, jurídicos, econômicos e midiáticos que alinhados aos discursos de recomposição da ordem moral e religiosa como o caminho para o progresso.

Tanto nos EUA como no Brasil, o movimento neoconservador fortaleceu-se após o reconhecimento de demandas feministas e LGBTQIA+T pelo Estado. Lacerda (2018), comparando as características presentes no neoconservadorismo dos EUA com o movimento político brasileiro, conclui que há um movimento neoconservador em curso na câmara dos deputados brasileira. Segundo a autora, embora siga os moldes do neoconservadorismo dos EUA, a versão brasileira tem suas especificidades, tratando-se de um neoconservadorismo tardio, subalterno e periférico, mas com um poder crescente e politicamente relevante.

O neoliberalismo preceitua que quanto mais livres os homens forem para empreender, maior será o seu bem-estar. Ancoradas na teologia da prosperidade, as religiões neopentecostais crescem no Brasil, incutindo-se principalmente nas classes menos favorecidas e propagando o ideal neoliberal, no qual a conquista do sucesso fica a cargo do indivíduo e de sua fé.

2.2 AS BASES DO PENTECOSTALISMO

Conforme Mariano (1999) o pentecostalismo, ramo do cristianismo formado na América do Norte, caracteriza-se como uma forma do protestantismo popular e distin-

gue-se do protestantismo histórico por pregar a contemporaneidade dos dons do Espírito Santo: os pentecostais acreditam que Deus, através do Espírito Santo, age realizando milagres, curando, expulsando demônios e dialogando com seus fiéis.

A origem do pentecostalismo remonta ao início do século XX, nos EUA, sendo que, em um curto período de três anos, centenas de fiéis transformaram-se em missionários pentecostais, espalhando-se pelos EUA e depois por outros continentes. Campos (2005) destaca que essa movimentação religiosa deve-se aos acontecimentos do país nos últimos 35 anos do século XIX, destacando-se a industrialização e a chegada de milhões de imigrantes em busca de melhores condições de vida.

Nessa grande efervescência do campo religioso também refletiam as agitações dos últimos 35 anos do século XIX, que ficaram marcados pelo trauma da Guerra Civil; libertação dos escravos negros; tensões raciais; crise prolongada do mundo da agricultura no sul do país; mobilidade populacional em direção às cidades do norte em processo de industrialização; chegada de milhões de imigrantes brancos, que vinham refazer na América laços rompidos pela pobreza e miséria na Europa de então (Campos, 2005, p.105).

Tais movimentos religiosos pentecostais eram voltados ao ideal de santificação, formando “ilhas de certeza” para quem vinha refazer sua vida nos EUA. Em um cenário marcado pelo aumento do mal-estar de imigrantes e o sofrimento dos pobres, a religião era o caminho para o encontro de regras seguras. Para Campos (2005), a população buscava na religião o caminho para reconstruir a nação.

Diversas crenças que formaram a identidade pentecostal no final do século XIX estavam ligadas aos movimentos de reavivamento espiritual. Nesses movimentos há relatos de manifestações físicas e psíquicas atribuídas à ação divina: êxtases, visões de vultos e glossolalia.

Nesses meios enfatizavam-se a necessidade de conversão/novo nascimento; santificação; cura divina; volta de Jesus à Terra para inaugurar o milênio; retorno do Espírito Santo na forma de um “batismo de fogo”; coisas que provocariam sinais físicos, particularmente o falar em línguas desconhecidas (Campos, 2005, p.109).

O pentecostalismo busca sua base na tradição revivalista, cuja fé despertada é contrária ao intelectualismo e à teologia, tornando-se uma religião prática e próxima dos problemas da vida cotidiana, apresentando soluções espirituais, traço marcante de sua constituição. Para Lima (1991), o pentecostalismo oferece certezas e adapta-se a novos contextos, essa fórmula de crescimento funciona e mobiliza multidões.

O pentecostalismo surgiu há cerca de cem anos nos EUA e sua expansão teve amplitude mundial; Campos (2005, p. 104) ressalta que talvez seja possível afirmar que o crescimento da “influência norte-americana sobre o cristianismo evangélico mundial no século XX tem algo a ver com a expansão pentecostal por todo o mundo”.

Por meio de seus missionários, que se espalharam pelo mundo em campanhas missionárias, o pentecostalismo expandiu-se. Conforme Lima (1991), o governo de Reagan, entre 1981 a 1989, concentrou-se em promulgar apoio a diversas campanhas missionárias pelo mundo em benefício dos EUA; entre tais seitas americanas que inseriram-se especialmente na América Latina, as pentecostais foram as que mais claramente manifestavam uma política de direita, que reagia contra os esforços de conscientização social promovidos pela igreja católica, dando ênfase a uma conversão pessoal que desconsidera as estruturas coletivas e aguarda um milagre divino para resolver os problemas dos explorados.

A política externa dos EUA, na tentativa de conter a influência da igreja católica na América Latina, é antiga. Os americanos acusam o catolicismo de fomentar o comunismo e ter ideais tomados por forças marxistas-leninistas. Lima (1991) depreende que a penetração das seitas religiosas originárias dos EUA na América Latina é um projeto ideológico americano de dominação e dispersão de sua ideologia. Muitas das novas seitas religiosas que se inseriram nas comunidades latino-americanas possuíam sede nos EUA e mantinham-se financeiramente apoiadas por essa procedência.

A ideologia pentecostal, para Lima (1991), evita encarar os conflitos sócio-políticos e a conversão massiva de fiéis na América Latina; a essa religião deveu-se a busca de uma solução sacra para os problemas fundamentais do povo. Tal movimento chegou ao Brasil, segundo Campos (2005), por volta de 1910, dando continuidade aos movimentos de reavivamento espiritual, santidade e fundamentalismo.

Conforme Lacerda (2018), a principal atuação das organizações evangélicas ocorreu na América Latina, onde a religião serviu para fins políticos e imperialistas, difundindo a palavra de Cristo e os valores do capitalismo e do livre mercado. A ofensiva evangélica visava formar uma ideologia formal do livre mercado, o capitalismo correspondia a uma dádiva de Deus, que seria o livre arbítrio, e a redistribuição de riqueza correspondia a um equívoco da religião católica, pois estimularia a inveja, a culpa e o conflito, sendo a pobreza a punição às culturas pagãs e a riqueza a recompensa ao bom trabalho.

O Brasil é o país com maior número de evangélicos da América Latina, sendo

que esse campo religioso abrange diversas denominações cristãs, como as igrejas protestantes históricas e as pentecostais. Mariano (1999), por meio dos dados do Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), aponta que, em 1980, os protestantes históricos contavam com 51% dos fiéis evangélicos brasileiros. Já em 1991, 65,1% dos evangélicos eram pentecostais e, em 1994, esse número já chegava a 76%. O pentecostalismo avançou de maneira acelerada e expandiu consideravelmente o número de evangélicos no Brasil; tal avanço concentrou-se nos estratos mais pobres e menos escolarizados da população.

Conforme Paes Neto (2019), o Brasil é, atualmente, o maior país pentecostal do mundo. Segundo dados do Censo do IBGE de 2010, estimava-se que o número de evangélicos de origem pentecostal ultrapassava os 25 milhões, sendo a sua maioria, mais de 22 milhões, oriunda das áreas urbanas. Juntos, segundo Antônio e Lahuerta (2014), em 2010 os evangélicos (de missão e pentecostal) somavam 22,2% da população brasileira. Conforme pesquisa do Datafolha (2022) realizada entre 22 e 23 de junho de 2022 com 2.556 entrevistados de 16 anos ou mais, em 181 municípios: 51% dos entrevistados no Brasil se dizem católicos, 26% evangélicos e 14% “sem religião”, o que aponta o crescimento vertiginoso dos evangélicos.

O avanço do pentecostalismo no Brasil não foi homogêneo, Mariano (1999) analisa as chamadas três ondas do pentecostalismo. A primeira delas foi o pentecostalismo clássico, a partir de 1910; a segunda ocorreu com o deuterpentecostalismo, entre os anos 1950 e 1960; e a terceira, objeto do presente estudo, é o neopentecostalismo, que ocorre a partir da década de 1970.

O prefixo neo é utilizado para designar a terceira onda do pentecostalismo devido a sua formação recente e seu caráter inovador. Conforme Mariano (1999), o neopentecostalismo, no Brasil, fortaleceu-se nas décadas de 80 e 90, no qual a Igreja de Nova Vida fundada pelo missionário canadense Robert McAlister origina as igrejas Universal do Reino de Deus (1977), Internacional da Graça de Deus (1980) e Cristo Vive (1986). No mesmo período surgem: Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (1976), Comunidade da Graça (1979), Renascer em Cristo (1986), e Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo (1994).

A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) é uma das mais expressivas igrejas neopentecostais e atualmente a maior representante dessa vertente religiosa no Brasil. Conforme dados do Departamento de Comunicação Social e de Relações Institucionais da Universal- UNIcom (2020) a Igreja Universal em 2020 estava em 135 países, e no Brasil contava com 8.773 templos e sete milhões de fiéis e simpatizantes.

No Brasil, o neopentecostalismo difundiu-se como expressão da modernização capitalista e periférica. Tal movimento religioso adota a teologia da prosperidade e propõe o indivíduo como único responsável por sua sorte, sendo capaz de alcançar a prosperidade material por meio da fé. Para Antônio e Lahuerta (2014), essa concepção é condizente com a premissa neoliberal, na qual indivíduos livres são orientados pela sociedade do consumo.

2.3 O NEOPENTECOSTALISMO E A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS - IURD

O neopentecostalismo abandonou traços sectários e velhos estereótipos do pentecostalismo, introduziu novos ritos, crenças e práticas, e flexibilizou costumes e comportamentos sociais. Para Mariano (1999), os neopentecostais tornaram-se mais imediatistas e pragmáticos e, a partir da incorporação da Teologia da Prosperidade, modificaram a prioridade; antes de viverem eternamente ao lado de Deus, desejam usufruir sem culpa do que há de bom no mundo, almejando a felicidade, o prazer e a fortuna.

O discurso teológico do sofrimento terreno do cristão foi soterrado e os neopentecostais prometem a cura física e emocional para todos os males em nome de Deus. Essa vertente foi “responsável pelas principais alterações teológicas, axiológicas, estéticas e comportamentais pelas quais vem passando o movimento pentecostal” (Mariano, 1999, p.9).

A expansão do neopentecostalismo ou pentecostalismo da terceira onda torna-se objeto de interesse pelos estudiosos. Pesquisadores, como Mariano (1999) e Lima (2007) ao analisar a implantação de tais igrejas, em especial da IURD, atribuem a elas características como o mercantilismo da fé, o pragmatismo, a superficialidade teológica e a acusação de ser uma exploradora financeira dos pobres. Para Lima (2007), muitos estudiosos consideram que a IURD se utiliza de uma lógica mercantil para fetichizar o dinheiro por meio de um pentecostalismo de cura.

A IURD é um “dos ramos pentecostais mais novos, sincréticos, dinâmicos e visíveis no espaço social (mídia e política)” e é a religião que mais se adapta “a um contexto de globalização e internacionalização da cultura e da economia” (Campos, 2005, p.113).

Para Antônio e Lahuerta (2014), o neopentecostalismo se torna essencial na incorporação da ideologia individualista nas classes subalternas; difusor da chamada

“Teologia da Prosperidade”, certifica que a viabilização das vitórias intramundanas ocorrerá com a expulsão do demônio das vidas dos fiéis. A “Teologia da Prosperidade valoriza a fé em Deus como meio de obter saúde, riqueza, felicidade, sucesso e poder terrenos” (Mariano, 2005, p. 158).

Adeptos à lógica da modernidade periférica brasileira, Antônio e Lahuerta (2014) descrevem os neopentecostais como capazes de acomodar o atraso e o moderno, pois sustentam uma cultura organizacional e política autoritária, que deteriora a cidadania política. O indivíduo da modernidade periférica incorpora a premissa neoliberal de libertação dos indivíduos orientados pela sociedade de consumo, e a ascese religiosa mantém nesse indivíduo convicções morais que preservam sua confiança na existência de um conjunto mínimo de valores, sem os quais a sociedade colapsaria.

A IURD é uma igreja evangélica neopentecostal fundada no ano de 1977 no Brasil, sendo Edir Macedo um dos seus fundadores e o atual líder religioso. O crescimento da Universal foi meteórico, em 1980 contava com vinte e um templos em cinco Estados, em 1982 já possuía quarenta e sete templos em oito Estados, em 1989 eram quinhentos e setenta e um templos em mais de vinte e um Estados. Conforme Mariano (1999) a igreja cresceu 2600% em nove anos. Em 1998 estava presente em mais de cinquenta países, fundando cerca de um templo por dia e contando com mais de três mil deles.

Em 1990, a Igreja Universal, junto a um cenário de liberalismo econômico, viu seu número de fiéis multiplicar no Brasil. Lima (2007) entende que o aumento de fiéis esteja imbricado à nova lógica da economia de mercado, pois a sua maior parcela é oriunda dos estratos mais pobres da população, que busca na igreja uma resposta imediata para suas aflições cotidianas e anseios por uma melhora de vida. A teologia da prosperidade, defendida pela IURD, recusa a vitimização e promove a crença na ascensão social por meio da fé.

Ao frequentar cultos da IURD, Lima (2007) destaca a “reunião dos empresários”, que ocorria às segundas-feiras, cuja temática central era o dinheiro, a prosperidade e a abundância. Também nas segundas era dada a explicação da importância do pagamento do dízimo, na qual Deus é pensado - e tratado - como um sócio.

O dízimo e as ofertas têm papel fundamental nessa batalha espiritual promovida pelas igrejas neopentecostais na manutenção dos valores morais e no combate do mal. Conforme Antônio e Lahuerta (2014), os fiéis são levados a crer que quanto maior a contribuição, maior é sua expressão de coragem e de fé no poder de

Deus; assim, quanto maior o seu dízimo, maiores serão as bênçãos e milagres em sua vida material.

A internalização de valores privatistas na doutrina religiosa neopentecostal é propalada aos fiéis pela recursiva insistência no sucesso intramundano mediante a emulação espiritual, e pode ser considerada como um efeito de tomada de consciência dessa vertente religiosa quanto à gradual configuração de um indivíduo moderno que brota da periferia, privado muitas vezes de condições básicas de cidadania e, portanto, submetido a condições econômicas e sociais de profunda instabilidade, insegurança e abandono estatal, e que encontra na possibilidade de autorrealização e no empreendimento de si um mecanismo alternativo de ascensão social, prestígio e acesso à sociedade de consumo (Antonio, Lauertha, 2014, p.64).

O fundador da igreja, Edir Macedo, conforme reproduz Lima (2007), afirma que quando paga-se o dízimo a Deus, ele fica na obrigação de cumprir sua palavra e dar ao fiel o que lhe foi prometido. Além das reuniões dos empresários, a temática dos cultos também dedica-se rotineiramente ao tema dinheiro.

Lima (2008) destaca que o cenário político, no começo da década de 1990, assumia parâmetros neoliberais, como o estado mínimo, a autonomia individual, o empreendedorismo e a competitividade, os debates políticos e intelectuais e as decisões empresariais e financeiras giravam em torno disso. Alavancados pelo plano do governo Collor, em 1990, os temas econômicos também começam a ter destaque na mídia brasileira.

O mundo dos “indivíduos” torna-se motivo de interesse, passando a dar foco às histórias de pessoas bem sucedidas; as revistas estampam as conquistas e as recompensas que os vitoriosos obtiveram devido ao merecimento. A televisão entrevista pessoas que possuem histórias de superação e conquistas de sucesso, indivíduos que “vieram de baixo” e conquistaram fama e dinheiro. Esses valores estimulados pela mídia, de acordo com Lima (2007), são baseados no pensamento do mercado, propõem que todos os indivíduos que tiverem espírito empreendedor, coragem e perseverança, alcançarão o sucesso.

Em segundo lugar, e para além da esfera teológica e organizacional, o pentecostalismo, sobretudo a vertente neopentecostal, é um movimento religioso e cultural adstrito à recente modernização da periferia do sistema capitalista mundial, uma vez que seu timbre cultural é uma função direta da intersecção de dois processos sociais coetâneos, quais sejam: o de mudança social orientada pela expansão da sociedade de consumo (sobretudo a partir da aceleração do crescimento econômico durante o regime militar) e o de insuficiência (ou ainda, debilidade) das capacidades institucionais do Estado, por um lado, e organizativas da sociedade civil, por outro, no tocante ao enfrentamento dos problemas de marginalização social ocasionados pela excessiva desigualdade econômica e pelo déficit de capitais simbólicos (instrução escolar, renda, experiência de participação em organizações sindical e política etc.) necessários ao fortalecimento de uma cultura política cívica e de-

mocrática (Antônio e Lahuerta, 2014,p.72).

Alinhada com os valores propagados pelo mercado, a IURD estimula a prosperidade e a mudança de vida, atraindo principalmente o público da base da pirâmide social, que não entende muito de economia, mas é cooptado pelos meios de comunicação. Lima (2007) acredita que o crescimento da igreja ocorre nesse momento, pois é um período de exibição da glória dos vitoriosos, da possibilidade de sucesso e tudo que ele propicia, sendo um forte motivador para empreender e substituir o sofrimento pela abundância.

Conforme Mariano (1999), as igrejas neopentecostais especializaram-se em dar soluções para todos os problemas. O diabo é figura constante nos discursos, sempre que algo ruim esteja acontecendo: doenças, vício em drogas, baixos salários, tudo é responsabilidade do “inimigo”, que aflige suas vítimas com sofrimentos físicos e psíquicos e Deus irá acudir-los, desde que o fiel esteja na “plenitude do Espírito” e atento e forte na linha de frente contra o diabo.

A guerra entre Deus e Diabo permeou todo o cristianismo, mas o neopentecostalismo exacerbou tal dualismo, destaca Mariano (1999). Para tal religião, tudo que ocorre no “mundo material” decorre da guerra entre essas duas forças. Nesse contexto, os fiéis acreditam ter poder e autoridade cedidas por Deus para reverter as obras do mal, e os neopentecostais passam a enfrentar o inimigo de Deus agressivamente, acreditando que o diabo age nas outras religiões para levar os humanos à perdição, daí a necessidade de combatê-las.

Enxergar a ação e presença do diabo em todo lugar é uma característica dos neopentecostais; pastores e fiéis direcionam sua agressividade e intolerância a todos os de fora de seu grupo, eles interpretam as passagens bíblicas e elegendem-se como “detentores exclusivos da verdade e das virtudes bíblicas que conduzem à salvação”. (MARIANO, 1999, p.116).

Para Gracino, Targino e Rezende (2019), as novas configurações religiosas no século XXI mostram resistência ao cenário liberal-democrático. Nesse contexto das igrejas neopentecostais, elas se apresentam como mais eficientes na condução dos mal-estares sociais dos tempos modernos, frutos das incertezas vivenciadas no dia a dia. A eficácia na identificação e resolução desses problemas legitima tais instituições religiosas, mesmo que a resolução fique apenas no plano discursivo, levando a sua projeção no espaço público, passando a orientar condutas.

Ao longo dos séculos XIX e XX, o catolicismo e o protestantismo passaram a dialogar com a ciência, a relativizar os milagres e a não atribuir todos os males a um

demônio ou todas as conquistas à ação da divindade. Para Smiderle (2021), essas eram as características do cristão moderno, até surgir a pentecostalização, reafirmando componentes mágicos da religião. O aspecto mágico das pentecostais reside na possibilidade de interferências sobrenaturais na vida dos fiéis, na ação direta de Deus contra todos os males. Para o autor, a expansão do neopentecostalismo e sua influência nos padrões de sociabilidade vigentes no Brasil podem ser vistas como expressão da tendência fragmentária da modernidade tardia ou pós-modernidade.

A pesquisa de Smiderle (2011) afirma “que quanto maior o efeito da pentecostalização sobre o cotidiano religioso, mais a religião tende a ser elemento relevante nas mais diversas áreas da existência do ator atingido por esse processo” (Smiderle, 2011, não paginado). A esfera religiosa começa a se dilatar, rompendo os limites que a modernidade havia lhe imposto.

Uma das marcas da sociabilidade moderna é a fragmentação da sociedade em esferas, conforme Smiderle (2011); nesse cenário, o ator moderno comporta-se seguindo múltiplas e distintas lógicas; no entanto, o evangélico pentecostalizado encara o mundo como uma totalidade mágica, regido pela divindade e enfrentando-o como uma batalha espiritual na qual disputam somente o bem e o mal.

Mariano (1999) descreveu o neopentecostalismo como uma religião que criava raízes na sociedade e era por ela influenciada, no intuito de reinserir valores religiosos na esfera pública e atribuir poderes políticos, empresariais, midiáticos e financeiros aos seus líderes, os neopentecostais envolvem-se na mídia e na política partidária.

Quanto ao comportamento político-eleitoral, marcado pela esfera neopentecostal, a religião torna-se tema central da política. Em contraste com o estilo de vida moderno, segundo Gracino, Targino e Rezende (2019), a atmosfera neopentecostal tende a tomar a esfera religiosa como o centro para o entendimento da vida e do mundo.

Segundo Mariano (1999), o processo de introdução do neopentecostalismo no Brasil consistiu em assimilar a cultura ambiente e importar teologias dos EUA, dando a elas uma reinterpretação. Para o autor, em 1999, supô-los fascistas de carteirinha seria um anacronismo, visto que não correspondia ao que eram ou poderiam tornar-se. O autor supunha que no futuro o neopentecostalismo, por meio de seu crescimento e acomodação social, apontaria para a flexibilização e assimilação, tornando sua agressividade contracultural menor e menos significativa.

Tal suposição tida por Mariano (1999) como um anacronismo pode ser confirmada ou refutada na atualidade? As igrejas neopentecostais assimilaram as cul-

turas locais e estão com discursos menos agressivos? A busca por respostas a esses questionamentos ocorre por meio da análise das obras e discursos de Edir Macedo, líder absoluto da IURD, a maior igreja do segmento neopentecostal no Brasil, e da comparação dessas manifestações com as características elementares do fascismo elencadas por Umberto Eco.

2.4 O NEOPENTECOSTALISMO NA POLÍTICA BRASILEIRA

No cenário político brasileiro recente nota-se um apelo e comprometimento de candidaturas com pautas de cunho moral e religioso. O discurso moral é um poderoso recurso político, porque gera uma identidade e um repertório comum de ação para determinados grupos frente à vida moderna; nesse sentido, o neopentecostalismo utiliza-se desses elementos morais para justificar a inserção de valores religiosos na política. Na visão de Antônio e Lahuerta (2014), tais compromissos ferem a ética do pluralismo democrático, cujo objetivo é proteger o direito das minorias político-sociais de não serem submetidas à decisões tomadas antes das eleições.

Antônio e Lahuerta (2014) sustentam que o neopentecostalismo desponta como a vocalização de um comportamento privatista das classes mais vulneráveis da sociedade brasileira, silenciadas por muito tempo devido ao desamparo político e legal. Esse movimento religioso pode ser definido como expressão da modernização conservadora no Brasil, “baseada na organização autoritária do desenvolvimento capitalista – uma vez que os valores que ele organiza subordinam-se à concretização do ideal, pouco republicano, de mobilidade social nos termos estritos da lógica predatória do mercado” (ANTÔNIO, LAHUERTA, 2014, p.73).

Conforme dados do pesquisador Guilherme Galvão Lopes, da FGV (Fundação Getúlio Vargas), citados por Bimbati (2022), elegeram-se, em 2022, 75 deputados federais autodeclarados evangélicos. Desses, 14 são ligados à Igreja Universal e filiados ao partido Republicanos. A maioria faz parte de partidos de direita e da bancada evangélica; na visão de Bimbati (2022), irão tomar decisões menos pragmáticas e mais ideológicas.

Um dos alicerces fundamentais para o fortalecimento da “bancada evangélica” na política brasileira, conforme Alves (2016), foi a ação das igrejas neopentecostais nas campanhas eleitorais, por meio dos espaços conquistados na mídia para disseminar sua moral social, sendo a IURD a representante mais inserida nos meios de comunicação e com o número de fiéis mais expressivos.

A inserção midiática nos programas de rádio e de televisão, inclusive com a aquisição de emissoras de rádio e de tv pela IURD, asseguram o fortalecimento das igrejas neopentecostais e a sua ascensão na política. Mesmo que não sejam utilizados diretamente para pedir votos, esses meios de comunicação relacionam o ponto de vista religioso com a moral social, “criando uma relação de identificação com o público que, ao escolher seus candidatos, o fará mais por uma inclinação de identificação moral do que um representante religioso” (Alves, 2016, p.10).

Para entender esse fortalecimento político que parece não sair especificamente dos cultos, há a hipótese de que os próprios valores democráticos, como liberdade religiosa e de expressão, abrem espaço para a expansão midiática por parte dos religiosos. Com relação aos canais abertos de televisão as igrejas neopentecostais são as principais beneficiárias da prática das emissoras de arrendar uma parte ou a totalidade de sua grade horária. Em números, a soma de pregação cristã na TV já somam mais de 4.800 horas todos os meses. A Igreja Universal do Reino de Deus, do bispo Edir Macedo, usufrui de mais de 1,5 mil horas de televisão por mês, distribuídas entre seis emissoras. Além de espaços consideráveis na Record, Rede TV!, Bandeirantes e Gazeta, a Universal mantém controle quase integral sobre a programação da Rede 21 e da CNT. A Rede Globo, por sua vez, cede uma hora por semana à Igreja Católica, o que mostra dois pontos importantes a serem analisados: a frequente presença da religião nos meios de comunicação brasileiros e a articulação das igrejas neopentecostais tanto na política como no uso dos canais de televisão (Alves, 2016, p.9).

A IURD lançou-se na política em 1982, na busca de reinserção de valores estritamente religiosos na seara pública. Segundo Mariano (1999), visando, pela eleição de seus candidatos, a conquista de poder e o atendimento de seus interesses corporativos. As bandeiras alçadas eram largamente moralistas para agrandar suas bases eleitorais, como a oposição à união homoafetiva, à pornografia e à descriminalização da maconha, identificando-se na política partidária com os valores morais conservadores, presentes sobretudo nos discursos da direita e da extrema-direita brasileira.

Conforme Nascimento (2019), com a conquista de bancadas próprias a IURD, nos anos 1990, insere ainda mais seus interesses no Legislativo. Em 2005, a igreja montou o próprio partido, o Partido Republicano Brasileiro (PRB), que se tornou o atual Republicanos. Segundo Mariano (1999), a igreja de Edir Macedo utiliza todos os recursos de que dispõe para eleger seus candidatos; o poder centralizador dos líderes e a obediência da maioria dos fiéis são fatores importantes para o sucesso político-eleitoral, que além de eleger seus candidatos como representantes, influenciam nas eleições de governadores dos estados e da presidência da República.

Desde a primeira eleição direta para presidência da República, em 1989, a IURD

alinhou-se aos candidatos que estavam no controle ou na iminência do poder. Para Nascimento (2020), antes de ideologias pessoais, Edir Macedo “está onde o poder está”. Na campanha presidencial de 1989, a IURD apoiou a candidatura de Fernando Affonso Collor de Mello; segundo Mariano (1999), os neopentecostais associavam o candidato opositor petista com o demônio, acusando-o da pretensão de legalizar o casamento homossexual e o aborto, além de apontá-lo como defensor de religiões como o candomblé, tidas como o próprio Diabo pela Igreja Universal. Edir Macedo afirmava que se o candidato Lula vencesse as eleições, a Igreja Católica iria mandar no país e os evangélicos seriam perseguidos.

No entanto, anos depois, a IURD apoiou os candidatos petistas Lula e Dilma nos seus quatorze anos de governo, em uma guinada eminentemente pragmática, não ideológica. Conforme Lacerda (2022), com o PT no governo, “apoiá-lo” foi o caminho mais lógico para obter benesses do governo, não fazendo sentido acirrar o confronto. Contudo, isso mudou com a possibilidade de saída do partido dos trabalhadores do governo, em 2016; no momento da votação do impeachment de Dilma Rousseff todo o campo evangélico já a havia abandonado. Tais apoios políticos, de caráter eminentemente pragmático, comprovam que nunca houve aproximação ideológica entre a IURD e os governos petistas, e o apoio foi uma exceção à tendência de formação de alianças das igrejas neopentecostais com os partidos de direita.

Lacerda (2022) busca compreender a causa da adesão dos evangélicos à campanha de Bolsonaro em 2018, formando uma aliança entre a religião e as forças de segurança. A coalizão, desde 2015, da direita cristã e da bancada da segurança (conhecida como “bancada da bala”), contribuiu para a eleição de Jair Messias Bolsonaro como presidente da República três anos depois. Conforme relata o autor, tanto o golpe militar como a eleição de 2018 contaram com o apoio maciço dos evangélicos, sendo que o golpe de 1964 foi saudado pelos evangélicos como uma ação divina para livrá-los do comunismo. Sendo assim, é possível identificar dois argumentos comuns em ambos os momentos históricos: o anticomunismo e a ideia de luta do bem contra o mal, estando o mal representado pela esquerda.

O projeto pastoral de Edir Macedo insere a IURD no Brasil como um modelo de regulação social em uma sociedade neoliberal com ampla presença de economias informais. Conforme Mafra, Swatowski e Sampaio (2012), a natureza autoritária da igreja mantém-se devido à expectativa de tutela por parte da população cooptada.

A igreja pratica uma subpolítica de afirmação social, pois sua clientela religiosa, oriunda majoritariamente dos estratos mais pobres e menos escolarizados da popula-

ção, é preterida pelo sistema político, o que permite, conforme Antônio e Lahuerta (2014), que a religião se torne um organizador social desses grupos, fazendo com que sintam-se abrigados em uma comunidade moral.

Tais setores marginalizados e sem as mínimas condições sociais e educacionais para tornarem-se sujeitos políticos capazes de contribuir com as funções de representação democrática, organizam-se e reinventam-se mediante às mudanças econômicas e sociais proporcionadas pelo mercado; no entanto, subordinados ao protagonismo ideológico do capitalismo. Segundo Antônio e Lahuerta (2014), esse modelo leva-os a desligar-se da concepção de um contexto geral, estrutural e social, e compreender-se como indivíduos, cujo sucesso ou fracasso passa a depender unicamente de suas capacidades pessoais.

Assim, para Antônio e Lahuerta (2014), os atributos pessoais dessas classes marginalizadas aplicam-se a projetos geralmente em curtos períodos de tempo, seguindo a volatilidade dos mercados. O chamado “regime de projetos” substitui as relações estáveis de cooperação e interdependência. As profissões tornam-se descartáveis, requeridas conforme as circunstâncias em cada projeto de curto prazo.

Nesse contexto de vulnerabilidade, para Antônio e Lahuerta (2014), a IURD atrai os indivíduos mais expostos ao subemprego e ao desemprego, com a promessa de ascensão social por meio do esforço individual e da fé. Os neopentecostais conectam-se ao processo de crise e transformação do fenômeno político contemporâneo por meio de uma subpolítica alheia ao controle do Estado e internalizando em seus fiéis a ética do “regime de projetos”, em oposição à ética do trabalho formal.

Os evangélicos formaram uma fração importante da base eleitoral de Bolsonaro. Segundo Lacerda (2022), estima-se que ele recebeu 70% dos votos válidos dos evangélicos, o que foi determinante para sua vitória em 2018. Desde o golpe militar, a crise no campo moral e a ameaça do comunismo são temas que arrimam a direita cristã brasileira, composta principalmente por evangélicos. A adesão deles a Bolsonaro, para Lacerda (2022), deveu-se à adoção pelo candidato de uma agenda moral conservadora, com forte apelo religioso, com o discurso em defesa da família tradicional, o combate ao “comunismo”, ao casamento gay e à “ideologia de gênero”.²

²“Criou-se uma falácia apelidada de “ideologia de gênero”, que induziria à destruição da família “tradicional”, à legalização da pedofilia, ao fim da “ordem natural” e das relações entre os gêneros, e que nega a existência da discriminação e violência contra mulheres e pessoas LGBT comprovadas com dados oficiais e estudos científicos. Utilizou-se de desonestidade intelectual, formulando argumentos sem fundamentos científicos e replicando-os nas mídias sociais para serem engolidos e regurgitados pelos fiéis acríticos que os aceitam como verdades inquestionáveis além de uma espécie de terrorismo moral, atribuindo o *status* de demônio às pessoas favoráveis ao respeito à igualdade de gênero e diversidade

Segundo Nascimento (2019), alguns líderes evangélicos divulgaram amplamente em suas redes sociais que caso a esquerda vencesse as eleições presidenciais, em 2018, iria perseguir os cristãos, fortalecer os movimentos LGBTs e distribuir “kits gay” nas escolas para incentivar as crianças à “homossexualidade”. As igrejas pentecostais pregavam, conforme Lacerda (2022), que votar no Partido dos Trabalhadores (PT) seria entregar o futuro a uma aliança católico-comunista.

Mesmo com a preferência massiva de seus fiéis por Bolsonaro, a identificação com o ideário liberal na economia e a hostilidade quanto às propostas morais da esquerda, Edir Macedo, em 2018, abraçou tardiamente a candidatura do ex-capitão. Nascimento (2019) destaca que o pragmático líder da IURD somente declarou sua preferência ao público quando percebeu quem levava considerável vantagem nas eleições, o que ocorreu nove dias antes do primeiro turno.

Com a eleição de Bolsonaro em 2018, conforme Nascimento (2019), a IURD comemorava pela primeira vez a eleição de um candidato tão identificado com seus valores. De apoiadora, a Igreja Universal fez-se logo parte integrante do poder público então constituído. Edir Macedo chegou a batizar o então presidente da República Jair Messias Bolsonaro, em sua igreja “Templo de Salomão”, em São Paulo. Entre trocas de favores e orações, a ligação entre os dois estreitou-se durante o mandato presidencial, fazendo com que Edir o apoiasse à candidatura para reeleição em 2022. Antônio e Lahuerta (2014) confirmam que o Brasil vive uma modalidade peculiar da democracia, na qual esse regime encontra grandes vazios institucionais, prevalecendo a ausência de direitos e de acesso às estruturas da ordem legal, tendo os cidadãos drasticamente reduzidas as condições de exercício da cidadania.

Diante da falta e do encolhimento da proteção do Estado, os indivíduos socialmente vulneráveis são lançados para o auge do privatismo, nos quais a religião atua como subsidiária dos deveres do Estado, tornando-se a a instituição mais próxima e confiável. Antônio e Lahuerta (2014) destacam que neste contexto, os neopentecostais tornam-se a instituição mais próxima e acessível para esses cidadãos e os conduzem à crença de que sua fé e Deus serão suficientes para superar todas as mazelas e riscos a que estão expostos.

sexual na educação, intimidando profissionais de educação com notificações extrajudiciais e ameaças de processo contra quem ousasse abordar esses assuntos na sala de aula. Criou-se um movimento para “apagar” o assunto gênero do currículo escolar” (Reis e Eggert, 2017, p.20).

A ligação entre esse grupo periférico com a sociedade opera-se por meio da moral e da religiosidade, orientados pelo êxito individual no mundo econômico. Tal classe social emergente, apoiada em uma visão conservadora e não dialógica, vislumbra nas alterações sociais uma ameaça à integridade ética da sociedade e de suas instituições centrais, entre as quais o mercado e a política. Assim, para Antônio e Lahuerta (2014), não surgem espaços para diálogos que legitimem valores e princípios sociais basilares para uma sociedade plural como a brasileira. Os imperativos religiosos chocam-se com os avanços da cidadania, sobretudo no tocante à laicidade nos princípios de justiça e, conseqüentemente, à construção de uma sociedade democrática.

Ao invés da inclusão de cidadãos à margem da sociedade no contexto democrático, Antônio e Lahuerta (2014) indicam que o neopentecostalismo insere na esfera pública brasileira um grupo com engajamento religioso extremado, liderados pelos princípios religiosos de seus líderes, que instituem uma visão política intolerante, decorrente de suas convicções morais e de uma visão individualista proveniente do capitalismo contemporâneo.

Antônio e Lahuerta (2014) entendem que as “misérias” da democracia no Brasil são conseqüências da modernização secular à brasileira, que impediu a socialização ativa e a progressão material e institucional das classes mais subalternas, o que resultou na atual conjuntura política, na qual consolida-se uma religiosidade profundamente intramundana, mas com uma promessa salvacionista e mistificadora, arrivista e pouco preocupada com os valores de uma sociedade democrática.

2.5 NEOFASCISMO: CONCEPÇÃO E HISTÓRIA

A partir das eleições presidenciais em 2018, multiplicaram-se no cenário político brasileiro candidatos comprometidos com pautas religiosas e morais, cujos temas recorrentes envolvem a recuperação da família tradicional e dos valores morais e religiosos, o militarismo e o saudosismo à pátria.

No contexto mundial, a ascensão ao poder de governos nacionalistas de extrema-direita e com retóricas semelhantes às do cenário brasileiro remonta a um movimento político outrora vivenciado: o fascismo. Temas como o saudosismo à um passado mítico, anti-intelectualismo, apego à irrealidade, hierarquia, ansiedade sexual, apelo à noção de pátria e desarticulação da união e do bem-estar público alçam o fascismo à centralidade do debate político na contemporaneidade.

Stanley (2019) rotula como “fascismo” qualquer tipo de ultranacionalismo, cuja nação é representada por um líder autoritário que fala em seu nome. Quanto ao fascismo na atualidade, ele denomina-o como neofascismo contemporâneo.

Todo fascismo é, portanto, reflexo de uma luta de classes truncada, percebida de modo distorcido e, por conta disso, violento e irracional no seu cerne. Na sua base está a manipulação de emoções que geram agressividade, como medo, raiva, ressentimento e ansiedade sem direção, sempre com fins de manipulação política. A incompreensão racional, por parte da população, de processos políticos complexos é utilizada para a construção de bodes expiatórios, um modo historicamente eficiente de canalizar frustrações e ressentimentos sociais. A marginalização de grupos minoritários e a violência dissimulada, contaminando a sociedade como um todo, são as consequências inevitáveis de todo fascismo (Souza, 2019, p. 252).

Stanley (2019), quando fala de políticas fascistas, revela que elas se alicerçam em táticas fascistas para alcançar o poder. Tais políticas podem desumanizar as minorias sociais, sem necessariamente existir um Estado fascista. A política fascista é marcada pela divisão, ela distingue “nós” de “eles” por meio de distinções raciais, étnicas e religiosas. Segundo Eco (208), o fascismo não tolera as diferenças.

Os políticos fascistas buscam reescrever o passado, criando a sensação de um passado mítico, conforme Stanley (2019), promovendo o anti-intelectualismo e o ataque às universidades, para assim impedir o debate fundamentado de ideias. A política fascista cria um estado de irrealidade, no qual crenças falsas criam suas raízes; a ascensão das minorias representa uma ameaça à população dominante.

A política fascista reverenda um passado mitificado, no qual uma família patriarcal reina soberana; é um tempo de ordem e glória, exércitos patriotas presentes em guerras de conquistas e suas esposas cuidando dos lares. Na cabeça dos fascistas, esse passado glorioso foi perdido devido à globalização e aos valores de igualdade difundidos pelo cosmopolitismo liberal. Conforme Stanley (2019), esses mitos baseiam-se numa história nacional gloriosa, que envolve uma ideologia autoritária, hierárquica e patriarcal, que nem foi tão gloriosa, mas para a política fascista serve de embasamento para impor novamente uma hierarquia no presente.

Ao parafrasear o discurso de Benito Mussolini, uma das figuras centrais do fascismo, Stanley (2019) descreve a intenção no uso do passado mítico nas políticas fascistas, criando uma relação entre a nostalgia e a realização desses ideais. “A função do passado mítico, na política fascista, é aproveitar a emoção da nostalgia para princípios centrais da ideologia fascista: autoritarismo, hierarquia, pureza e luta” (Stanley, 2019, p.21). O passado tem as verdades inconvenientes apagadas, a política fascista repudia qualquer momento sombrio atribuído ao passado da nação.

A ansiedade sexual é algo presente na política fascista, pois a igualdade de gênero ameaça a hierarquia patriarcal. Para Stanley (2019), o patriarcado tem papel fundamental na política fascista, pois a figura do líder da nação é assemelhada ao pai da família patriarcal tradicional, e o seu poder e força são atribuídos à autoridade legal nos dois casos. A política fascista apela ao passado mítico, substituindo o passado histórico por sua história gloriosa para servir aos seus fins políticos.

A propaganda política oculta seus objetivos problemáticos, mascarando-os com ideais popularmente aceitos. Movimentos fascistas estão sempre envolvidos em campanhas anticorrupção, mas o que ocorre é que esses políticos são muitas vezes muito mais corruptos do que os que desejam culpar. Stanley (2019) destaca que a intenção não democrática está por trás da propaganda fascista, pois ela concentra-se em enfraquecer os poderes do Estado, atacar o judiciário independente, com acusações de imparcialidade e corrupção.

Para Souza (2019), enfraquecer o poder judiciário, por meio de acusações de corrupção, imparcialidade e críticas severas, são ações padrão da política fascista, pois atacar e diminuir as instituições que podem cercear o poder dos governantes autoritários é o seu objetivo. A propaganda fascista é fundamentada em uma intenção não democrática, que busca desarticular o Estado Democrático de Direito para substituí-lo pelos ditames dos seus governantes.

Stanley (2019) acrescenta que, além de atacar os poderes do Estado para combater a corrupção, a política fascista defende a liberdade individual, por meio da opressão de alguns grupos. Historicamente, líderes fascistas chegam ao poder democraticamente, mas seu compromisso com a liberdade termina com a sua vitória.

Adolf Hitler, líder do partido Nazista alemão e figura central do holocausto, argumentava que a verdadeira democracia seria aquela exercida por um único indivíduo. Segundo Stanley (2019), para Hitler tal ditadura unitária seria uma democracia genuína, porque existiria a responsabilização individual das decisões políticas, pelo fato de o poder estar na mão de um líder, e tal responsabilização teria uma noção liberal por excelência.

Na visão fascista só há um ponto de vista coerente: o de uma nação dominante. A educação torna-se uma grave ameaça para o fascismo. Stanley (2019) ressalta que os ataques constantes às universidades que possuem inclinações mais liberais, resumem-se a taxá-las como fonte de “doutrinação marxista”, termo empregado para difamar a igualdade. A ideologia fascista busca um sistema educacional que glorifique

o passado mítico, apagando as histórias dos muitos atores que fizeram parte e moldaram a história. A educação, quando serve à ideologia fascista, serve para exaltar o passado mítico e reforçar a hierarquia e a tradição nacional.

Os líderes fascistas dispensam consultas a especialistas e cientistas. Conforme Stanley (2019), eles são homens de ação, que criam suas próprias realidades, baseados em suas vontades individuais. A política fascista rebaixa a linguagem política e impede o debate sofisticado; sua tática é eliminar a possibilidade de diálogo. A tática da propaganda fascista, utilizada por Adolf Hitler, objetivava ser popular e limitar-se a poucos pontos, destacados em forma de *slogans*, para a recepção das massas. A oratória da política fascista não busca convencer o intelecto, mas influenciar a vontade. As instituições de ensino superior são rebaixadas junto ao empobrecimento da linguagem, os debates são reduzidos a conflitos ideológicos e o conhecimento é acusado de ser um plano ideológico da esquerda.

O debate fundamentado é substituído no fascismo pelo medo e pela raiva, mentiras repetidas destroem os espaços de informação e quebram a realidade. A criação de teorias conspiratórias é uma característica do fascismo e tem como função levantar suspeitas e deslegitimar seus alvos, causando desconfiança, justificando a adoção de medidas drásticas para conter os “inimigos do Estado” (Stanley, 2019, p.71). Quando a grande mídia não divulga teorias estapafúrdias de conspiração, acaba sendo acusada de imparcialidade e de estar no controle das mãos do “inimigo”. E a repetição é o que convence o público.

O conhecimento surge do debate de ideias, da colisão de argumentos, mas na política fascista a linguagem é utilizada para causar emoção e não para transmitir informações e confrontar ideias. Numa democracia liberal, a mídia precisa tentar noticiar a verdade e resistir à divulgação das mais variadas teorias possíveis. Quando a teoria da conspiração torna-se moeda da política e as grandes mídias e universidades restam desacreditadas, não há mais uma realidade comum para o cidadão amparar-se. Para Stanley (2019), a dúvida e a desconfiança instalam-se, os laços de respeito entre os cidadãos são estremecidos, assim a política fascista destrói as bases da democracia, que são o respeito e a confiança entre os cidadãos, concentrando-a em apenas um líder, que será o único confiável.

A extrema desigualdade social também impossibilita a democracia, criando ilusões que mascaram a realidade, pois não há possibilidade de deliberações conjuntas. A igualdade liberal, segundo Stanley (2019), compreende cidadãos com diferentes níveis de poder e riqueza com o mesmo valor, ela é destinada a ser compa-

tível com a desigualdade econômica.

A cidadania liberal e seus pensadores adotaram o reconhecimento da dignidade humana universal e a inclusão de todas as pessoas. Já a ideologia fascista impõe hierarquias de poder e dominância que são o inverso da igualdade apresentada pela teoria democrática liberal. O princípio da igualdade é uma negação da lei natural para os fascistas, pois para eles as hierarquias naturais existem e são uma forma de obter e reter o poder. A política fascista alimenta-se do ressentimento e vitimização pela perda do poder hierárquico, pela crescente dificuldade de defender “um senso de superioridade cultural, étnica, de gênero ou nacional” (Stanley, 2019, p.96).

Um Estado Democrático é aquele em que os cidadãos são tratados da mesma forma e governados por leis iguais. Stanley (2019) destaca que a retórica do fascismo apoia a lei e a ordem, mas divide os cidadãos entre aqueles que fazem parte da nação escolhida e os que não fazem parte, os traidores. A propaganda fascista apresenta grupos-alvo como criminosos. Esses grupos são um risco à nação, à sua pureza e às normas patriarcais. As divisões sociais solidificam-se por meio do “nós” e “eles”; nós somos os trabalhadores, virtuosos, e que mantêm as tradições, “eles” são os parasitas, preguiçosos que sobrevivem dos bens que “nós” produzimos.

A política fascista baseia-se no formato de família patriarcal e tradicional, na qual a figura masculina representa o poder. Sendo assim, a propaganda fascista promove o medo e sexualiza a ameaça do outro, qualquer desvio ao modelo patriarcal gera ansiedade e pânico aos papéis masculinos tradicionais. Segundo Stanley (2019), a ansiedade sexual fascista utiliza como arma na política a constante ameaça de agressão sexual. A ideia de masculinidade é o centro da política, espalhando ideias de hierarquia e dominação; a política da ansiedade sexual atenta à democracia liberal, pois ataca-a em nome da segurança.

No ideal fascista, semelhante ao que escrevera Hitler, as cidades são fontes da cultura corrompida e o campo preserva os valores puros da nação. Tal política de oposição entre o urbano e rural semeia a divisão. Grandes centros tendem ao pluralismo, à diversidade étnica e religiosa; já as áreas rurais tendem a ser mais conservadoras e intolerantes. A ideologia fascista dispõe que as comunidades rurais são autossuficientes e não dependem do Estado, já a população urbana é “parasita” do Estado. Conforme Stanley (2019), a política fascista escolhe uma nação com a mesma religião e modo de vida, rejeitando o pluralismo e a tolerância.

A ideologia fascista reforça o “nós” e “eles”. Stanley (2019) refere que o fascismo hierarquiza os grupos. Tal política busca desarticular e minimizar as lutas de classes,

o que justifica sua aversão aos sindicatos. Hitler exaltava o indivíduo e a meritocracia, criticando a democracia, pois entendia que ela concede valor igual independente do indivíduo e não permite que o indivíduo participe de uma luta competitiva para se elevar acima dos outros.

Para Stanley (2019), a política fascista é poderosa, pois ela simplifica a existência humana e, ao objetificar um “eles”, ressalta as qualidades do “nós”, e a identificação com um líder que revela as pessoas “indignas” é reconfortante, pouco importando se esse líder respeita as instituições democráticas. O nacionalismo fascista repudia o ideal democrático liberal e está a serviço da dominação e conquista de poder.

Em momentos de crise econômica, o fascismo ressurgiu, justificando a instabilidade a partir de fatores morais. Boito Júnior (2021) argumenta que a crise política no Brasil iniciou em 2014, quando foram impetradas duas ações visando anular as eleições presidenciais ocorridas em outubro daquele mesmo ano. Tal processo, iniciado em 2014, culminou, em 2018, na eleição de um presidente com discursos políticos neofascistas.

A ideologia fascista carrega o discurso de sua base social; o fascismo original fazia uma crítica ao grande capital, uma vez que sua base eram os pequenos proprietários e a classe média. Já o novo fascismo brasileiro, cuja base também é a classe média, direciona sua crítica à corrupção e à “velha política”. No entanto, segundo Boito Júnior (2021), quanto à crítica da corrupção, esse grupo parte de uma concepção moralista e conservadora, e quanto ao combate à velha política sugere um autoritarismo centralizado no Chefe do Executivo, pedindo o fim da política parlamentar.

Para Boito Júnior (2021), um governo pode ser identificado como fascista ou neofascista se nele existir um movimento de massa, emergido a partir da reação a um movimento ou governo de esquerda ou centro-esquerda. Para o autor, o neofascismo brasileiro trata-se de um movimento de massa, predominantemente formado pela classe média, reacionário, que visa eliminar o pensamento e os movimentos de esquerda.

O fascismo original surgiu no século XX nos países centrais. Foi um movimento reacionário de massa predominantemente pequeno-burguês, voltado contra o movimento operário socialista e comunista, que mobilizou uma crítica conservadora, típica do pequeno proprietário, à economia capitalista e à política parlamentar e chegou ao governo cooptado pelo grande capital. O neofascismo surgiu no século XXI e, no caso brasileiro, na semiperiferia do sistema imperialista. É um movimento reacionário de massa predominantemente de alta classe média, e não pequeno-burguês; voltado contra o movimento democrático e popular, e não contra um movimento soci-

alista e comunista de massa que não existe no Brasil atual; mobiliza uma crítica conservadora, de classe média, à corrupção e à política democrática, e chegou ao governo cooptado pelo capital financeiro internacional e pela fração da burguesia brasileira a ele integrada, e não por uma burguesia nacional expansionista que, de fato, não existe no Brasil. Ambos os movimentos prestam serviços a frações da burguesia, mas sem se deixar reduzir a instrumentos passivos que essas frações manipulariam ao seu bel prazer (Boito Júnior, 2021,p.8).

Boito Júnior (2021) tece um comparativo entre a ascensão do fascismo ao poder na Itália e na Alemanha, com a chegada de Bolsonaro à Presidência no Brasil. Ele cita as semelhanças entre ambas as situações e desse comparativo elenca seis elementos que caracterizam a crise política responsável por conduzir o fascismo, em ambos os casos, ao poder.

Ficamos, assim, com seis elementos caracterizadores da crise política que leva ao fascismo:

1. acirramento dos conflitos no interior do bloco no poder;
2. crise da representação partidária das classes dominantes;
3. ativismo político da burocracia civil e militar provocando crise institucional;
4. série de derrotas e situação defensiva do movimento operário;
5. constituição da pequena burguesia como força social distinta; e
6. a crise ideológica generalizada (Boito Júnior, 2021, p.11).

Boito Júnior (2021) revela que o acirramento dos conflitos no interior do bloco de poder ocorre no Brasil dentro da burguesia brasileira, e é aquele que opõe as grandes empresas nacionais ao capital estrangeiro e à burguesia a ele associada. O conflito entre o capital internacional e a grande burguesia interna agravou-se entre 2014 e 2018, dando fundamento à primeira característica responsável por levar o fascismo ao poder.

A crise política se iniciou devido a uma ofensiva política restauradora do capital internacional e da burguesia associada contra o governo Dilma, pois os governos encabeçados pelo PT representavam a hegemonia da grande burguesia interna no bloco no poder. Essa hegemonia foi obtida graças à estratégia dos governos encabeçados pelo PT de formar uma ampla frente política, que eu denomino neodesenvolvimentista, frente política essa que incorporou no plano das medidas de política social grande parte da baixa classe média, do operariado, do campesinato e, principalmente, dos trabalhadores da massa marginal (Boito Júnior, 2021).

Conforme Boito Júnior (2021), o conflito entre a burguesia brasileira e a insatisfação com as políticas sociais dos governos petistas levou ao surgimento da segunda característica para originar o fascismo: a formação de uma classe intermediária que, no caso do Brasil, foi a classe média, reacionária e ativa. A partir das eleições presidenciais de 2014, a classe média organizou-se, criando novos movi-

mentos e buscando a deposição da então eleita Dilma Rousseff.

Esse movimento da classe média pode ser considerado o embrião do neofascismo brasileiro, segundo Boito Júnior (2021), pois a motivação era reacionária: a classe média insatisfeita com a ascensão das camadas de renda mais baixas, mediante as políticas econômicas e sociais dos governos petistas. O Partido dos Trabalhadores (PT) foi identificado como o inimigo a ser combatido, juntamente ao campo da esquerda. Em tal movimento pro-impeachment, já havia grupos que pleiteavam a implantação de uma ditadura e a intervenção militar, indicando o rompimento com as regras do jogo democrático.

Vinculado ao movimento da classe média esteve o ativismo político do Poder Judiciário e da Polícia Federal. Esse ativismo da classe “burocracia de Estado” é o terceiro elemento da crise política que antecede o fascismo. Boito Júnior (2021) destaca nesse elemento a “Operação Lava Jato” no Brasil, que contou com diversos delegados, procuradores, juízes, desembargadores e ministros, ou seja, alta classe média, que foi conivente com o movimento neofascista. Como na Itália e na Alemanha, o aparelho judiciário brasileiro desempenhou um importante papel político na ascensão fascista.

O movimento da alta classe média obteve o apoio das igrejas pentecostais e neopentecostais, e a candidatura neofascista de Bolsonaro em 2018 contou com essa adesão, segundo Boito Júnior (2021), devido aos valores defendidos pelo candidato: patriarcado, machismo e homofobia, o que auxiliou a sua infiltração nas classes populares.

O quarto elemento para a origem do neofascismo no Brasil foram as derrotas sucessivas, desde 2014, no cenário político da classe operária e popular. Essas estavam, desde então, em clara defensiva política. Com o crescimento em queda e o governo de Dilma Rousseff adotando medidas caras ao grande capital e antipopulares, chegou-se a cogitar o esgotamento do programa neodesenvolvimentista.

Dissemos, retomando a expressão de Poulantzas, uma série de derrotas: abandono do programa neodesenvolvimentista por Dilma em 2015 no seu segundo mandato e negando tudo o que dissera na campanha eleitoral; derrota acachapante na votação do impeachment em abril de 2016; aprovação da PEC que congela os investimentos sociais em dezembro de 2016; aprovação final da Reforma Trabalhista em julho de 2017; condenação e prisão de Lula da Silva em abril de 2018, num processo claramente persecutório; impugnação da candidatura Lula e vitória de Jair Bolsonaro na eleição de 2018. Nessas derrotas, a mobilização operária e popular foi muito frágil. As manifestações neofascistas pela deposição de Dilma e pela prisão de Lula fo-

ram bem maiores que as manifestações em defesa dos trabalhadores, da democracia e dessas lideranças políticas. Era como se, no Brasil, a classe média abastada compusesse a maioria da população (Boito Júnior, 2021).

A candidatura de Bolsonaro, que até 2017 dispunha apenas do apoio de parte da alta classe média e dos proprietários rurais, contou em 2018 com a adesão do grande empresariado, visto que os candidatos dos partidos historicamente apoiados por eles não apresentavam chances de vencer as eleições. Boito Júnior (2021) pontua que o grande temor do chamado “mercado” seria a vitória de uma candidatura populista e a ameaça aos programas neoliberais iniciados por Temer após o impeachment de Dilma Rousseff; portanto, para a continuidade do programa econômico liberal eram necessárias medidas mais radicais, o que os levou a apoiar um candidato de extrema-direita, defensor da ditadura e sem base partidária.

Além do candidato do partido que tradicionalmente representa o campo neoliberal da burguesia estar sem viabilidade eleitoral, a grande burguesia associada e o capital estrangeiro estavam insatisfeitos com a moderação do neoliberalismo dos candidatos burgueses tradicionais. Conforme Boito Júnior (2021), tal simetria entre os dois programas políticos que até então polarizavam o processo político nacional são os indicativos da crise ideológica generalizada. O ultraliberalismo sinalizado pela nomeação do Ministro da Economia Paulo Guedes cooptou tais apoios à candidatura de Bolsonaro.

Boito Júnior (2020) conclui que há no Brasil uma democracia burguesa deteriorada e em crise, com um movimento neofascista ativo que atenta contra a democracia. O autor define o fascismo como um “regime político reacionário de massa”, uma massa que foi e é composta, em sua maioria, por grupos de pequenos burgueses e de classe média, tanto no fascismo original como no neofascismo brasileiro do século XXI.

Acreditamos ter fornecido elementos para mostrar que o que há de mais específico na crise pré-fascista talvez se resuma à combinação de quatro dos elementos que examinamos, analisados nas suas relações recíprocas e, também, na dinâmica que tais relações ensejam: crise de hegemonia no bloco no poder, crise de representatividade dos partidos burgueses, situação de derrota do movimento operário e popular que, contudo, permanece ativo e, finalmente, a constituição de uma classe intermediária como força social ativa e reacionária (Boito Júnior, 2021).

A eleição de Jair Messias Bolsonaro e a ascensão de grupos neofascistas na política brasileira deve-se à associação de diversos fatores, e embora seja um movi-

mento contemporâneo, apresenta diversas características do fascismo original. Eco (2018, p.45) alerta que “Liberdade e libertação são uma tarefa que não acaba nunca”, para o autor é preciso sempre estar atento para as mais diversas formas que o fascismo assume, para tanto descreve as características que estão presentes em qualquer ambiente fascista.

2.6 DEFINIÇÃO DE DEMOCRACIA E DE FASCISMO

A democracia clássica definida pela filosofia do século XVIII, segundo Schumpeter (2017), é o método que mediante um arranjo institucional chega a decisões políticas que atingem o bem comum; para tal conceito o bem comum é o farol orientador da política e é o próprio povo que toma as decisões, a partir da eleição de indivíduos que irão representar e satisfazer-lhes as vontades.

Nessa concepção de democracia, a única explicação para o surgimento de uma oposição política, excluídos os interesses perniciosos e a burrice, é a diferença de opinião quanto à velocidade para atingir o bem comum. Schumpeter (2017) dispõe que, hipoteticamente, a teoria clássica da forma de governo democrático seria a melhor de todas e existiriam poucas oposições a ela. Todavia, na prática o autor afirma que é muito fácil refutá-la, primeiramente porque não existe um bem comum univocamente determinado, sobre o qual todos os homens concordem, pois a existência de diversos indivíduos e grupos gera problemas e objetivos para os quais o bem comum pode significar coisas diversas.

Em segundo lugar, mesmo com um bem comum definido que se mostrasse aceitável para todos, não poderia supor-se que individualmente os indivíduos concordassem com isso, pois as opiniões individuais divergem quanto ao utilitarismo de cada ação. Portanto, para Schumpeter (2017), após a explicação das proposições que refutam o conceito clássico de democracia, o conceito particular de vontade do povo desaparece pela impossibilidade da existência de um “bem comum inequivocamente determinado e discernível por todos” (Schumpeter, 2017, p.343).

A partir das críticas à teoria clássica da democracia, o autor chega à definição: “o método democrático, que é o sistema institucional para chegar a decisões políticas, no qual os indivíduos adquirem o poder de decidir por meio de uma luta competitiva pelo voto do povo” (Schumpeter, 2017, p.366). Para tal teoria, a competição política restringe-se na busca do voto livre, a democracia significa que para aqueles que contam com o apoio mais numeroso do povo serão entregues às rédeas do governo.

A escolha do povo é parte essencial do processo democrático, mas é criada artificialmente, pois os eleitores limitam-se a aceitar candidaturas e optar entre essas pela sua preferida. “A democracia significa apenas que o povo tem oportunidade de aceitar ou recusar aqueles que o governarão” (Schumpeter, 2017, p.346).

Conforme Schumpeter (2017), a liderança política exercida em uma democracia necessita do elemento competição; graças ao método democrático nenhuma liderança é absoluta; nesse contexto, o líder adota uma posição intermediária: exige a manutenção da disciplina, permite a oposição e faz concessões.

Levitsky e Ziblath (2019) elencam a tolerância e a reserva institucional como as regras cruciais para uma democracia: a tolerância para reconhecer que os rivais têm o direito de existir e a reserva institucional para evitar ações que, mesmo legais, violem o espírito das leis. Alguma polarização é saudável para a democracia, mas quando as sociedades se dividem de maneira incompatível e intolerante, os políticos tendem a abandonar a reserva institucional para vencer a qualquer custo, o que estimula o surgimento de grupos que rejeitam totalmente às regras democráticas. A polarização pode destruir a democracia; quando as sociedades dividem-se em campos políticos nos quais as visões de mundo são mutuamente excludentes, a tolerância torna-se insustentável.

A democracia segue um encolhimento global. Mounk (2019), ao analisar a eleição de Donald Trump nos EUA e de Jair Messias Bolsonaro no Brasil, sugere que a ameaça do populismo à democracia é mais séria do que nunca. O populismo qualitativo ocorre quando um líder político denomina-se o único capaz de representar o povo, mesmo que não possua a maioria da representação quantitativa.

Um governante populista é definido por Mounk (2019) como aquele que reivindica a representação exclusiva do povo, e essa intolerância aos opositores ou às instituições independentes gera a colisão direta com a democracia. Nesse sentido, o populismo autoritário cresce em países do mundo todo. Nota-se que a política fascista busca desestabilizar as instituições basilares da democracia, para respaldar atos autoritários e torná-los necessários diante de uma propaganda política e ilusória de combate à corrupção e da manutenção de valores puros e das tradições da nação.

Conforme Mounk (2019), seriam necessárias ser verdadeiras três afirmações para a democracia ser considerada única opção e ser tão segura quanto os cientistas políticos imaginam: a maioria dos cidadãos ser fortemente comprometida com a democracia liberal; essa maioria rejeitar alternativas autoritárias à democracia; e os partidos políticos e movimentos sociais concordarem com a importância das regras e

normas democráticas básicas. No entanto, no Brasil ocorre o inverso: grande parcela da população desacreditada na política é receptiva a alternativas não democráticas; partidos e representantes políticos apoiam-se na religião e na moralidade para eleger-se e ignoram as normas democráticas básicas.

A democratização é um fenômeno de natureza multidimensional. Moisés (2008) aponta quatro condições para o estabelecimento de um regime democrático:

Assim, o estabelecimento de um regime democrático implicaria basicamente nas seguintes condições: 1) direito dos cidadãos escolherem governos por meio de eleições com a participação de todos os membros adultos da comunidade política; 2) eleições regulares, livres, competitivas e abertas; 3) liberdade de expressão, reunião e organização, em especial, de partidos políticos para competir pelo poder; e 4) acesso a fontes alternativas de informação sobre a ação de governos e a política em geral. (Moisés, p.13, 2008).

Tais condições enumeradas por Moisés (2008) deixam claro que os processos competitivos em sistemas políticos democráticos dependem do voto da massa de cidadãos. No entanto, conforme Schumpeter (2017), a vontade do indivíduo é um fator político relevante quando não está baseada em impressões equivocadas, pressão de grupos e propaganda; ela precisa basear-se na capacidade do cidadão de interpretar os fatos e informações e emitir suas críticas e inferências.

Quando o colapso das democracias é pensado, imagina-se que ocorrerá pela utilização da força e de homens armados, como outrora já ocorreu no Brasil com o golpe militar. Mas outra forma de arruiná-la, segundo Levitsky e Ziblath (2019), é o poder nas mãos de líderes eleitos que se insurgem contra o próprio sistema que os elegeu; em geral, essa forma leva ao declínio aos poucos. Desde o final da Guerra Fria, em 1989, a maior parte dos rompimentos democráticos foi causada pelos próprios governos eleitos.

Para Mounk (2019), a democracia mundial está se desconsolidando, pois os cidadãos nunca estiveram tão receptivos a alternativas autoritárias e menos comprometidos com a democracia. Atualmente, a população está muito mais crítica ao modelo democrático e os jovens dão menos importância a viver em uma democracia. Os cientistas políticos há muito tempo estão cientes de que a confiança nas instituições democráticas diminuiu e as pessoas avaliam negativamente os políticos, mas até recentemente não davam muita atenção a esses fatos.

Levitsky e Ziblath (2019) observam que as democracias morrem de maneiras diferentes, mas quando aspirantes a ditadores chegam ao poder, a democracia entra em crise, pois eles utilizam-se das mesmas instituições democráticas que os conduzi-

ram até o poder para matá-las. A constituição escrita de um país não é capaz, por si só, de assegurar a democracia, por mais bem formulada e bem caracterizado um sistema de freios e contrapesos que assegure a não concentração do poder na mão de um governante. Os autocratas eleitos mantêm a aparência de democracia, enquanto a desgastam na sua essência.

Para Levitsky e Ziblato (2019), os cidadãos mostram-se mais propensos a tolerar ou apoiar medidas autoritárias durante crises de segurança e principalmente quando temem pelo seu bem-estar. Para um líder autoritário, crises lhe dão a oportunidade de silenciar e enfraquecer rivais; sendo assim, autocratas eleitos precisam de crises para governar e para libertar-se dos críticos e das instituições democráticas. As crises podem ser reais ou criadas, mas autoritários em potencial as exploram para justificar a tomada do poder.

No entanto, a democracia é uma construção compartilhada; sendo assim, um líder sozinho não tem poder para aniquilá-la ou resgatá-la; é a sociedade que precisa validar ou repudiar atos antidemocráticos. Para Levitsky e Ziblato (2019), é somente por meio do entendimento e de condutas compartilhadas que uma democracia persiste, mediante um senso comum de respeito e confiança nessas instituições.

O autocrata endossa a violência e é propenso a restringir liberdade civis, ele não aceita críticas e nem suporta ter que liderar em uma democracia, na qual é necessário fazer concessões, negociar e, principalmente, agir guiado por uma constituição democrática que impõe limitações ao seu poder. Líderes autoritários, para Levitsky e Ziblato (2019), polarizam a sociedade, trazem insegurança política e minam as instituições democráticas, atacam-nas sem nenhum fundamento ou prova, para então justificar a necessidade de ações radicais e antidemocráticas; tais líderes criam ou exploram as crises para justificar um golpe autoritário como “mal necessário”.

Um líder autoritário, segundo Levitsky e Ziblato (2019), rejeita as regras democráticas, nega a legitimidade de seus oponentes e desqualifica-os, designando-os como inimigos. “Quando rivais partidários se tornam inimigos, a competição política se avilta em guerra e nossas instituições se transformam em armas. O resultado é um sistema constantemente à beira da crise” (Levitsky e Ziblato, 2019, p. 234).

O autoritarismo é uma forma antidemocrática de exercer o poder, o diálogo não é aceito em sistemas autoritários. Tiburi (2018) refere que a falta de capacidade de reconhecer o que não se enquadra na sua visão preestabelecida de mundo é uma característica dos fascistas, em sua verdade absoluta. O fascismo pratica o autoritarismo, buscando sempre o extermínio do outro; manifesta-se como ódio aos

diferentes, considerados imprestáveis, que devem ser eliminados da sociedade.

O tratamento de rivais partidários como inimigos, o autoritarismo e o ódio aos diferentes são características presentes na definição de Umberto Eco (2018) para o fascismo. O autor elenca em sua obra uma série de características para o que define como “fascismo eterno” ou “Ur-fascismo” entre elas há até mesmo contradições; portanto, para o autor é suficiente apenas encontrar uma delas para que possa ser identificado um ambiente fascista.

Eco (2018) enumera quatorze características como elementares ao fascismo: o culto à tradição, a negação da modernidade, o irracionalismo, a rejeição ao pensamento crítico, o racismo, a frustração individual ou social, o nacionalismo exacerbado somado à obsessão pela conspiração, a crença em um inimigo a ser derrotado, a guerra permanente, o elitismo baseado na hierarquia, o heroísmo, o machismo e desdém pelas mulheres, o populismo qualitativo e o uso da novilíngua.

O culto à tradição ou tradicionalismo implica na recusa ao avanço do saber, pois para o fascismo a verdade já foi anunciada no início dos tempos e é preciso somente interpretá-la. Conforme Eco (2018), o próprio tradicionalismo recusa a modernidade e condena o modo de vida capitalista, sendo que os ideais iluministas e a idade da razão são vistos como a depravação moderna.

O fascismo eterno pode ser definido como o “irracionalismo”, também baseado no culto da “ação pela ação”, a qual deve ser realizada sem nenhuma reflexão. Para Eco (2015), os ataques ao mundo intelectual e as denominações de comunistas foram características do Ur-fascismo, acusando a cultura moderna e a inteligência liberal de abandonar os valores tradicionais.

O Ur-fascismo não aceita críticas, o desacordo que para a modernidade é uma forma de produzir conhecimentos para o fascismo é uma traição. O Ur-fascismo tem medo da diferença, ou seja, é racista por definição. Eco (2018) pontua que o Ur-Fascismo surge da frustração individual ou social, o que explica-se pelo apelo histórico das retóricas fascistas às classes médias que, frustradas e assustadas pela pressão dos grupos sociais subalternos, sentem-se desvalorizadas.

O Ur-fascismo, segundo Eco (2018), destaca aos que se veem privados de qualquer identidade social o privilégio de ter nascido no mesmo país, o que dá origem ao nacionalismo, e somente os inimigos podem tirar a identidade de uma nação. Sendo assim, na raiz psicológica dos fascistas está a obsessão pela conspiração; para eles sempre haverá um grupo conspirando contra a sua nação, o que remete à xenofobia.

Os adeptos do fascismo precisam acreditar na possibilidade de derrotar o inimigo, mas também saber que o inimigo tem muita força. Conforme Eco (2015), os fascistas consideram o pacifismo um conluio com o inimigo e a vida uma guerra constante, na qual é preciso sempre estar atento ao inimigo. Sempre haverá inimigos e, como eles devem ser combatidos permanentemente, sempre haverá motivos para o combate, para a guerra, seja ela física ou ideológica. Os inimigos estão em toda parte, inclusive nos círculos mais próximos, sendo a traição uma ameaça constante na mente dos seguidores do fascismo.

O Ur-fascismo prega um “elitismo popular”, no qual todos os cidadãos são parte do melhor povo do mundo, e qualquer um pode tornar-se membro do partido, mas no momento em que tais grupos são organizados hierarquicamente (como no modelo militar) todo líder despreza seus subalternos, o que se repete em cada nível de poder, reforçando o elitismo de massa. Segundo Eco (2015) o elitismo implica no desprezo pelos fracos, o líder conquista o poder pela força, mas tal força é baseada na debilidade das massas, que precisam de um “dominador”, atribuindo então ao líder o poder para governar.

No Ur-fascismo cada um é educado para ser herói; segundo Eco (2015), o fascista aspira à morte como a melhor recompensa para seus atos; no entanto, geralmente provoca a morte dos outros, enquanto aguarda a sua recompensa pelo heroísmo. A exaltação do heroísmo, a idolatria por feitos de guerra ou seus equivalentes, como matar um criminoso, são posturas típicas do culto à morte como elemento constitutivo da personalidade fascista.

Eco (2018) destaca que o Ur-Fascista transfere sua vontade de poder para questões sexuais, o que explica a origem de seu machismo. Como a guerra permanente e o heroísmo, “o sexo também é um jogo difícil de jogar, o herói Ur-Fascista joga com as armas, que são seu Ersatz³ fálico: seus jogos de guerra se devem a uma *invidia penis* permanente” (Eco, 2018, p.41).

No Ur-Fascismo, as decisões da maioria devem ser acatadas, pois ele baseia-se em um “populismo qualitativo”, no qual só um determinado conjunto de cidadãos possui importância política. Conforme Eco (2018), o povo é concebido como dotado de uma vontade comum e o líder se apresenta como seu intérprete; sendo assim, ele se opõe ao parlamento e a sua legitimidade. O líder fascista se vê como único intérprete e representante da vontade popular; essa representação não precisa ser

³ Ersatz: do almanão Ersatz, significa substituto (Meu dicionário.org, 2024).

quantitativa; afinal, quem discorda do líder fascista não é digno de ser considerado, mas alguém que precisa ser combatido e eliminado.

O Ur-Fascismo fala a “novilíngua”. Tal linguagem baseia-se “em um léxico pobre e em uma sintaxe elementar, com o fim de limitar os instrumentos para um raciocínio complexo e crítico” (Eco, 2018,p. 45). Ela pode ser utilizada de forma aparentemente inocente e inofensiva, mas é dessa forma que o Ur-fascismo se expande e acaba cercando a sociedade. A simplificação dos raciocínios e dos argumentos torna as ideias fascistas fáceis de serem assimiladas, pois não exigem grande esforço e capacidade de abstração e reflexão. Daí o gosto pelos maniqueísmos, pela deturpação dos argumentos, pelas explicações fáceis de problemas complexos.

A “novilíngua”, criada em 1984 pelo escritor inglês George Orwell, pensando nos regimes comunistas, é um recurso no qual o autoritarismo altera o sentido das palavras para acomodá-las a seus interesses. Pereira (2020) ressalta que nessa distopia a verdade oficial é controlada, as palavras recebem sentidos inversos do significado original. “Um lema resume o sentido da “novilíngua” orwelliana: Guerra é paz, escravidão é liberdade, ignorância é força”.

A ascensão de líderes políticos que enaltecem características fascistas é um risco para a democracia contemporânea em todo o mundo. No Brasil, em 2018, ocorreu a eleição do líder máximo do poder executivo, cuja campanha política baseou-se em pautas que enquadram-se no fascismo descrito por Umberto Eco: o machismo, o nacionalismo exacerbado, a existência de inimigos e cidadãos de bem, a armamentização da população, a luta do bem contra o mal respaldada na religião e na recuperação de valores morais.

3 O DISCURSO DE BOLSONARO E DE MACEDO E SUA APROXIMAÇÃO COM O FASCISMO

Este é o capítulo central do presente estudo, no qual serão interpretados os dados obtidos por meio da análise dos discursos do ex-presidente da República Jair Messias Bolsonaro e do líder neopentecostal Edir Macedo. A partir da análise realizada é possível aferir se nos discursos de ambos estão presentes as características do fascismo apresentadas por Umberto Eco.

3.1 PREÂMBULO METODOLÓGICO

As concepções de ciência pelas abordagens teórico-metodológicas, conforme Arenhart *et al.* (2021), diferem umas das outras. A abordagem fenomenológica hermenêutica tem a interpretação como fundamento da compreensão dos fenômenos.

Partindo de tal conceito, a presente pesquisa utiliza-se da abordagem fenomenológico-hermenêutica, valendo-se, como técnica de coleta, da bibliográfica e de documentos, e como técnica de análise, a de discurso.

Arenhart *et al.* (2021) aborda três interesses que orientam a produção de conhecimento científico: o técnico de controle, o dialógico de consenso e o crítico-emancipador. As pesquisas hermenêuticas são orientadas pelo interesse dialógico de consenso. Elas visam auxiliar a interpretação, compreendendo as relações entre pessoas e propondo consensos sobre regras sociais em contextos históricos. Na presente pesquisa utiliza-se da interpretação para analisar discursos do ex-presidente da República Jair Messias Bolsonaro e do bispo Edir Macedo, líder da IURD, e realizar inferências a partir da comparação deles com as características identificadas por Umberto Eco como pressupostos do fascismo. Por meio da compreensão de tais discursos é possível estabelecer as ligações entre a política partidária, a IURD e o cenário político brasileiro contemporâneo.

Conforme Arenhart *et al.* (2021), a pesquisa fenomenológico-hermenêutica é baseada na linguagem-consenso-interpretação, na qual a dimensão fundamental é a interação linguisticamente mediada. O procedimento investigativo determinante é contextualizar, recuperar os contextos de significação, os horizontes de interpretação dos fenômenos. Essa visão compreensivista de ciência tem a interpretação como a categoria epistemológica fundamental.

O sujeito (que compreende o sentido) é o centro das ações cognitivas. A hermenêutica desloca a prioridade do sujeito para a linguagem. Conforme Arenhart *et al.* (2021), a abordagem fenomenológico-hermenêutica concebe a realidade como movimento, como “mundo inacabado” e dá ênfase à problemática do conflito de interpretações, sendo que o modo de contextualizar os fenômenos é localizá-los e observá-los em seus ambientes culturais.

Para concretização do projeto de dissertação foi realizada, inicialmente, uma pesquisa de natureza teórica, a fim de aprofundar a delimitação dos elementos conceituais envolvidos no debate: o neoconservadorismo, o neopentecostalismo, a democracia e o fascismo. Para formular a base teórica da pesquisa, baseou-se em materiais já publicados, como livros, revistas, entrevistas e artigos em geral; foram analisados os discursos de Jair Messias Bolsonaro e do bispo Edir Macedo, disponíveis em reportagens, livros, vídeos no *youtube* e demais canais onde estão reproduzidos, além de material escrito disponível em livros, panfletos e sites oficiais da IURD.

Conforme Vergara (2003), o tratamento dos dados é o momento de um projeto no qual é explicado como pretende-se tratar os dados obtidos, justificando qual tratamento é o mais adequado. Esse tratamento pode ocorrer de forma qualitativa ou quantitativa, podendo ocorrer as duas formas de tratamento em um mesmo estudo.

O tratamento de dados no presente estudo ocorre de forma qualitativa, pois os dados coletados são analisados, comparados e a partir deles são delineadas as relações entre o neoconservadorismo, os discursos de Bolsonaro, da IURD e a ascensão de grupos neofascistas. Conforme Yin (2016) a pesquisa qualitativa permite realizar estudos sobre uma ampla variedade de assuntos e oferece maior liberdade na seleção dos temas. Dessa forma, a pesquisa qualitativa é utilizada para abordar um tema emergente no cenário político e social.

O enfoque central da pesquisa é a análise dos discursos do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro e do líder da IURD, Edir Macedo, a partir de diversos materiais escolhidos referentes à temática do estudo. Foram transcritas algumas frases ditas pelas lideranças, relatando de maneira sucinta o conteúdo abordado em cada vídeo, livro, entrevista ou texto analisado. O objetivo foi traçar um perfil ideológico-discursivo que associe o ex-presidente ao líder da IURD. Com base no suporte teórico coletado e nos vídeos, buscou-se encontrar características em comum nos discursos de Bolsonaro e da IURD, como os presentes na caracterização do fascismo, conforme a tipologia formulada por Umberto Eco na obra “O fascismo eterno”. Segundo Minayo

(1992, apud Gomes, 2002, p. 69), há três finalidades na fase de análise de dados: compreender os dados coletados; confirmar ou não os pressupostos da pesquisa; ou responder (ou não) às questões e ampliar o conhecimento sobre o tema.

Quanto aos fins, Vergara (2003) relata que uma pesquisa pode ser: exploratória, descritiva, explicativa, metodológica, aplicada ou intervencionista. A pesquisa explicativa busca tornar compreensível e justificar os motivos para qualquer fenômeno, ela pressupõe a existência de uma pesquisa descritiva para então formular as explicações. A presente pesquisa quanto aos fins é explicativa, pois a partir de um suporte descritivo analisa os discursos de Bolsonaro e da IURD e busca identificar neles características elencadas por Umberto Eco (2018) como atributos do fascismo. A partir da comparação da base teórica formulada com os discursos dos líderes analisados, busca-se formular inferências associando ou afastando esses discursos do fascismo. A partir das inferências formuladas serão apontados os prováveis reflexos na democracia brasileira.

Hermenêutica é a forma de compreender reflexivamente o nosso tempo, ela busca a mediação e a unificação com ele, segundo Arenhart *et al.* (2021). O pesquisador deve buscar compreender os contextos sociais e as marcas histórico-culturais dos textos que interpreta, compreendendo as motivações e razões dos autores originais e, ao trazer tais textos para o seu contexto histórico, deve pressupor como seria escrito se fosse na atualidade. Tais propostas metodológicas da abordagem fenomenológico-hermenêutica indicam a continuidade de sentido entre o texto interpretado e os textos resultados de sua interpretação.

O estudo foi concluído por meio da interpretação sobre as informações obtidas, com a finalidade de apontar os efeitos da ascensão de grupos neofascistas na democracia brasileira e indicar alternativas para fortalecê-la. Portanto, a interpretação da autoria permeia todo o estudo e a hermenêutica será o centro das ações cognitivas.

3.2.0 NEOFASCISMO COMO MARCA DE BOLSONARO E MACEDO

Muitos autores sustentam que o conceito de fascismo é único e só pode ser utilizado para definir o movimento liderado por Mussolini e Hitler, respectivamente na Itália e Alemanha. No entanto, autores como Boito Júnior (2020) e Souza (2019) identificam as características do fascismo originário no cenário político brasileiro atual e definem tal movimento recente como o neofascismo.

Ideais neofascistas encontraram apoio em setores importantes da sociedade

brasileira, que proporcionaram sua ascensão na política. O saudosismo ao passado, baseado na defesa dos bons costumes e do patriarcado, encontrou sustento na religião, tanto que os evangélicos, em especial os neopentecostais, destacaram-se no processo político nacional por meio da defesa de pautas conservadoras e religiosas.

Entre as características presentes na campanha política de Bolsonaro na eleição presidencial de 2018, e na busca pela reeleição em 2022, destaca-se o apelo pela retomada de valores morais, patriarcais e cristãos, um dos principais pontos de congruência com a IURD. O bispo Edir Macedo é alinhado ao discurso de Bolsonaro e o apoiou em ambas as campanhas eleitorais à presidência. Diante de tal alinhamento de ideais e discursos, a presente pesquisa faz uma análise das manifestações públicas de ambos, buscando encontrar características elencadas por Eco (2018) como fascistas, para confirmar ou refutar a afirmação de Boito Júnior (2021) de que o governo de Bolsonaro é fascista, e responder à suposição de Mariano (1999) de que seria anacronismo admitir que os neopentecostais se tornariam fascistas de carteirinha.

Jair Messias Bolsonaro, militar da reserva, antes de ser eleito o 38º presidente da República do Brasil, dedicou 27 anos à vida parlamentar em Brasília; uma das pautas constantes em sua carreira política foi o combate ao comunismo. Em sua campanha eleitoral de 2018, assumiu um discurso anticorrupção e, conforme a revista *Veja* (2019), destacou-se na mídia devido aos discursos com tons machistas, homofóbicos e racistas.

A IURD possui diversos espaços virtuais, desde sites, redes sociais e canais oficiais no Youtube, locais nos quais são compartilhados centenas de vídeos com mensagens motivacionais, testemunhos de mudanças de vida, orientações para a vida conjugal, para a vida em sociedade e até orientações políticas. Muitos desses vídeos são mensagens do líder absoluto da igreja, Edir Macedo, que também tem seu canal oficial no *youtube* e acumula vídeos com citações de passagens bíblicas e sua interpretação sobre elas, orientando comportamentos e ações da igreja e de seus fiéis.

Além da inserção midiática em rádios, televisão e internet, Edir Macedo também é responsável pela publicação de diversos livros. Como “principal formulador da doutrina difundida pela denominação (neo)pentecostal, Macedo assina a autoria de *Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus*, editado em três volumes” (Swatowiski, 2007, p.115). Macedo publicara até então trinta e quatro obras, que segundo as informações disponíveis em seu site, venderam cerca de dez milhões de exemplares. A maioria dos seus textos são interpretações da bíblia, que abordam te-

mas do cotidiano e projetam a figura da família de Deus, na qual homem e mulher têm seus papéis delineados.

Na IURD não há escola teológica, os aprendizes aprendem por meio da réplica dos pastores mais antigos, como é o caso de Macedo, que é um exemplo a ser seguido dentro da igreja, e suas palavras são reproduzidas e recriadas por todos os bispos e pastores. Conforme Swatowski (2007), as publicações da editora Universal Produções são as fontes de texto sobre a doutrina que são difundidas na igreja, estando também disponíveis para a compra nos próprios templos.

A Igreja Universal, conforme Nascimento (2019), optou por não exigir a formação em seminários ou a faculdade de teologia de seus pastores. Macedo, ao falar sobre estudar grego, hebraico e demais matérias de teologia, define com besteira. Em seu livro “A libertação da teologia” o bispo descreve a Teologia como fútil.

Todas as formas e todos os ramos da Teologia são fúteis. Não passam de emaranhados de idéias que nada dizem ao inculto; confundem os simples e iludem os sábios. Nada acrescentam à fé; nada fazem pelo homem senão talvez aumentar sua capacidade de discutir (MACEDO, 2019, p.21).

Bolsonaro utiliza tom semelhante ao de Macedo ao referir-se aos livros didáticos oferecidos aos alunos de escolas públicas no Brasil, em três de janeiro de 2020 em uma crítica direcionada a gestão de governo anterior, ele afirma que os livros têm muita coisa escrita e que é preciso “suavizar”; conforme narra a Revista Exame (2019), ele aponta a ideologia de Paulo Freire, reconhecido como patrono da educação brasileira, como culpada pelo mau desempenho dos estudantes brasileiros no Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA). Acusa os governos de esquerda de plantarem a militância na educação e acabarem com o Colégio Pedro II, uma instituição federal de ensino localizada Rio de Janeiro, pois autorizaram, em 2016, que os alunos, independente do gênero, pudessem escolher usar saia ou bermuda, além de incluir no colégio o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

O que a esquerda plantou na educação? Plantou militância. Tanto é que o pessoal vota no PT e no PSOL. A molecada (vota no) PT e PSOL. Chegou ao cúmulo de acabar com uma escola como o Colégio Dom Pedro II, no Rio de Janeiro. Acabaram com o Pedro II. Menino de saia, MST lá dentro. E outras coisas mais que não quero falar aqui.

[...]

Tem livros que vamos ser obrigados a distribuir esse ano ainda levando-se em conta a sua feitura em anos anteriores. Tem que seguir a lei. Em 21, todos os livros serão nossos. Feitos por nós. Os pais vão vibrar. Vai estar lá a bandeira do Brasil na capa, vai ter lá o hino nacional. Os livros hoje em dia, como regra, é um amontoado... Muita coisa escrita, tem que suavizar aquilo (EXAME, 2020).

Nessa manifestação referente à educação brasileira Bolsonaro não aborda problemas reais enfrentados pelo ensino público, que desencadearam o mau desempenho na prova do Pisa, mas ele encontra os culpados, aponta os inimigos que precisam ser combatidos para a educação brasileira melhorar: a ideologia de Paulo Freire, os meninos usando saias, a militância e o MST. Após apontar os inimigos, recorre ao nacionalismo exacerbado, supondo que os pais vibrarão com livros estampando a bandeira do Brasil na capa e o hino nacional, mas que precisam ter um conteúdo mais suave, sem um amontoado de coisas escritas.

Na obra “Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios”, Macedo (2004a) dispõe que o demônio ataca a mente das pessoas de duas maneiras: no intelecto e o ataque direto. No intelecto “Provocam o ego, a inteligência. Apela para a razão e procuram incutir uma explicação científica, filosófica ou material, porém nunca espiritual (MACEDO, 2004a, p.97)”. O ataque direto ocorre quando o demônio aloja-se na mente de uma pessoa para desgraçá-la.

Swatowski (2007), ao abordar as obras de Edir Macedo, relata que o bispo associa a fé à certeza, sendo a fé um sentimento de certeza absoluta. Macedo afirma a superioridade da fé sobrenatural ao conhecimento científico, pois somente quem está sob o poder de Jesus Cristo não poderá ser atacado pelos demônios que estão soltos pelo mundo: “O homem comum, mesmo que seja culto, inteligente e até conheça a Bíblia, sem a proteção do Espírito Santo é alvo muito fácil para a ação dos demônios (Macedo, 2004b, p.112).”

Ao abordar a obra “Os mistérios da fé”, de Edir Macedo, Swatowski (2007) descreve que o líder religioso flerta com a ciência e transita pelo mundo secular, e que tais elementos caracterizam um desconstrutivismo pós-moderno associado a uma lógica totalizante de mundo. Na introdução do livro “Os mistérios da fé”, Macedo (2004b) menospreza as demais religiões e afirma ser ele o único portador da verdade. O exercício da fé sobrenatural é apontado como a solução definitiva para os problemas dos fiéis.

De fato, isso confunde a sabedoria deste mundo, pois contradiz todas as teorias da razão. A Ciência, por exemplo, fundamenta-se em fatos reais, concretos e visíveis, e a fé não, pois se baseia na certeza de algo invisível, como o próprio Deus, que, sendo Espírito, é invisível. A fé é a certeza de algo que não vemos. Talvez seja esta a razão por que o Senhor Jesus traçou o caminho da fé, para que a Sua criatura pudesse chegar até Ele (MACEDO, 2004b, p.9 e 10).

Macedo (2004b) define como fé natural aquela que faz a pessoa crer no conhecimento da ciência, já a fé sobrenatural está acima da fé natural e até da razão, ela faz a pessoa crer em Deus e em suas promessas. A fé sobrenatural faz com que as coisas que não existem passem a existir, é a fé sobrenatural que faz o homem entrar em contato com Deus. “Em outras palavras, a fé sobrenatural é loucura para os que vivem segundo a fé natural, ou segundo o curso deste mundo” (MACEDO, 2004b, p.14).

Macedo não nega o conhecimento intelectual, mas ele relativiza-o e o menospreza frente ao fervor religioso, ele afirma que “quanto menor for a bagagem de conhecimento intelectual, maior espaço haverá para as manifestações da fé sobrenatural” (Macedo, 2004b, p.22).

Nas narrativas de Macedo e Bolsonaro estão presentes o irracionalismo, o negacionismo e a rejeição ao pensamento crítico. Um período em que tais características materializaram-se com nitidez foi na pandemia da COVID-19 no Brasil, na qual a gestão do então presidente Jair Messias Bolsonaro baseou-se no anticientificismo e no irracionalismo, corroborado por grupos religiosos, para a tomada de decisões políticas

Em seu discurso em 24 de março de 2020, após as primeiras mortes por COVID-19 no Brasil, o então Presidente da República Jair Messias Bolsonaro defendeu a volta da normalidade e criticou a quarentena, o fechamento de lojas e escolas e outras medidas protetivas adotadas por governadores e prefeitos. Pediu para que a mídia parasse de propagar o pânico e a histeria. Ainda destacou, conforme o site Uol (2020), que o grupo de risco seriam apenas pessoas com mais de sessenta anos, que 90% das pessoas não teriam qualquer manifestação caso se contaminassem, e que raros seriam os casos fatais de pessoas sãs. Declarou que seu caso particular, pelo seu histórico de atleta, caso contraísse o vírus, nada sentiria, apenas uma gripezinha ou resfriadinho.

Guerreiro e Almeida (2021) buscam investigar a ligação entre os líderes pentecostais e o governo de Jair Messias Bolsonaro quanto à gerência da pandemia de COVID-19 no Brasil. Os autores analisaram o comportamento de alguns líderes de igrejas pentecostais frente à pandemia da COVID-19, que atuaram contra o isolamento social, tratando o vírus como uma praga diabólica, negando ou relativizando a gravidade da doença. Além disso, alguns afirmaram que tal doença não atingiria os evangélicos.

O negacionismo se expressa pela negação da ciência, das mais diversas formas, muitas vezes por meio de justificativas religiosas. Trata-se de uma linguagem de poder que está fora do escopo da democracia, podendo ser definida como “fazer com que pessoas que desconhecem os dados científicos desacreditem das afirmações da maioria dos cientistas sobre determinado tema” (Guerreiro E Almeida, 2021, p. 53). A linguagem negacionista adotada por Bolsonaro é uma linguagem recorrente na extrema direita.

Durante a pandemia da COVID-19, os discursos de Bolsonaro e de alguns líderes evangélicos estavam em sintonia. Conforme Guerreiro e Almeida (2021), houve muitas falas e atitudes negacionistas: recusa em fechar templos, uso de medicamentos sem comprovação científica, desconfiança para com as vacinas, expressões de indiferença e profecias de um futuro próspero.

Quanto ao fechamento dos templos religiosos, a elite política-religiosa-empresarial (entre elas o bispo Edir Macedo) ficou alardeada e realizou diversas reivindicações, sendo que, mediante o Decreto presidencial nº 10.292, de 25 de março de 2020, as igrejas foram incluídas na lista de serviços essenciais, sendo permitida a sua reabertura durante a pandemia da COVID-19.

Conforme Guerreiro e Almeida (2021), o negacionismo assumiu uma linguagem político-religiosa. Após defender o uso de medicamentos sem comprovação científica, com a descoberta da vacina alguns líderes religiosos investiram contra a obrigatoriedade da mesma, criando teorias conspiratórias, sem embasamento científico, o que contribuiu para o atraso na compra das mesmas.

No início da pandemia de COVID-19, Bolsonaro optou por um discurso que apontava a China como criadora do vírus, como parte de um plano de dominação comunista do mundo. Kalil (2021) destaca que o medo do comunismo pontua todos os discursos da carreira política do então presidente do Brasil. Em seu discurso na abertura oficial da Semana das Comunicações no dia 05 de maio de 2021, Bolsonaro insinua que o vírus possa ter sido criado em laboratório pela China.

É um vírus novo, ninguém sabe se nasceu em laboratório ou nasceu por algum ser humano ingerir um animal inadequado. Mas está aí. Os militares sabem o que é guerra química, bacteriológica e radiológica. Será que não estamos enfrentando uma nova guerra? Qual o país que mais cresceu o seu PIB? Não vou dizer para vocês. Que que está acontecendo com o mundo todo, o seu povo, com sua gente, com nosso Brasil? (Abertura Oficial Da Semana Das Comunicações, 5/5/21, 54 min. e 24 seg. 2021).

Além da teoria conspiratória da dominação comunista, Kalil (2021) aponta que Bolsonaro adotou um discurso de combate ao inimigo, pois utiliza de metáforas bélicas para tudo, propondo a política como uma guerra. Tal posicionamento refletiu nas políticas públicas de combate à COVID-19, como o atraso na aquisição das vacinas, teorias conspiratórias e desinformativas como a inserção de chips e alteração de DNA humano, além do incentivo à utilização de medicamentos sem eficácia comprovada.

A crença em um inimigo a ser derrotado e a guerra constante estiveram presentes em discursos fascistas e são pautas constantes nos discursos da IURD. O negacionismo, segundo Guerreiro e Almeida (2021), no caso da pandemia da COVID-19, é utilizado como linguagem de poder, que pressupõe a existência de um inimigo oculto que pretende destruir o país.

Na visão de Guerreiro e Almeida (2021), o negacionismo é muito mais que uma irracionalidade ou inconsequência, é um projeto político comum, que abrange conexões políticas, religiosas e empresariais: a extrema direita, lideranças evangélicas do país e o governo brasileiro compartilharam as mesmas técnicas de negação.

Nesse mesmo sentido, lembramos que essa linguagem de poder pode assumir contornos religiosos, mas não necessariamente é capaz de superar aflições e impedir as milhares de mortes de pessoas que lutam pelo direito de respirar e viver. Nesse tipo de racionalidade, o vírus é fortalecido por uma liderança política-religiosa-empresarial que defende uma lógica do sacrifício, na qual as mortes de determinadas pessoas são vistas como perfeitamente aceitáveis, em oposição àquelas que teriam o direito a continuar vivendo. (Guerreiro e Almeida, 2021, p. 67).

Diversos líderes religiosos especularam que havia uma grande farsa em torno da pandemia, supondo uma tática diabólica para aprisionar as pessoas e destruir o presidente Jair Messias Bolsonaro, então escolhido por Deus. Conforme Guerreiro e Almeida (2021), o bispo Edir Macedo, líder da IURD, que ao abordar a pandemia como uma forma de apavorar as pessoas e deixá-las fracas, ao ser internado para tratar a doença afirmou que foi curado pela hidroxiclороquina, tratamento comprovadamente ineficaz contra a doença, mas defendido pelo então presidente da República.

A COVID-19 é abordada por muitos líderes neopentecostais como uma farsa ou como uma doença criada pelo diabo. Os neopentecostais recorrem à figura do diabo para definir qualquer dificuldade do cotidiano ou crença que não se ajuste aos seus preceitos; nesse caso, por meio da intercessão dos fiéis, Deus agiria para combater o mal, mas para eles é preciso, segundo Mariano (1999), estar sempre aten-

to e forte na linha de frente contra o diabo. Para os fascistas, a vida é uma guerra constante, o inimigo a ser combatido é o comunismo, que aparece sempre em seus discursos, sendo todos os rivais políticos enquadrados como comunistas, portanto inimigos que precisam ser derrotados.

Baptista, Rauber e Orlandini (2022) elencam como figura recorrente nos discursos de Jair Messias Bolsonaro um inimigo que precisa ser combatido, a esquerda e os governos petistas são apontados por ele como “inimigos do povo”. A guerra constante também é usual na retórica de Edir Macedo, que recorre à instauração de medo do comunismo em seus fiéis; nessas situações de combate, Bolsonaro e Macedo intitulam-se como os únicos capazes de salvar a nação.

Conforme destacam Baptista, Rauber e Orlandini (2022), as retóricas nacionalistas marcam os discursos de Bolsonaro, centralizadas na valorização da liberdade, independência e autonomia da nação. Em um cenário de guerra constante e conspirações, Bolsonaro aponta a ação de grupos estrangeiros contra a nação. Para Sakamoto (2020), ele acusa as pessoas e ONGs que atuam na Amazônia e manifestam-se contra o desmonte da legislação ambiental brasileira, de serem compradas por governos e entidades estrangeiras, que desejam tomar a Amazônia do restante do país, ocupando-a com forças militares.

As mídias pertencentes a IURD, em apoio à reeleição de Bolsonaro em 2022, afirmaram que a esquerda de Lula iria implantar a ditadura comunista no Brasil. Na publicação feita em janeiro de 2022, intitulada “Qual é o (real) desejo de Lula para o Brasil?”; a Universal afirma que as narrativas da esquerda são contra os valores cristãos e conservadores, e que o comunismo que será implantado pela esquerda irá extinguir a liberdade individual e perseguir os cristãos.

Em outro texto publicado no site oficial da Igreja Universal, o Bispo Cardoso (2022) aponta cinco motivos pelos quais um cristão de verdade não pode compactuar com a esquerda. O quarto motivo é justificado com duas passagens bíblicas nas quais a direita ocupa lugar especial pelo próprio Deus e a esquerda representa algo desprezível; o bispo afirma que a esquerda visa combater a igreja, pois essa é a única entidade capaz de alertar as pessoas sobre o certo e errado, mostrando o lado do bem. Cardoso (2022) afirma que o cristão que vota na esquerda não segue os ensinamentos do cristianismo ou não entende o que é a esquerda.

Em dois vídeos publicados em outubro de 2022, referentes às eleições presidenciais, a retórica do inimigo a ser combatido está presente. Um dos vídeos é postado no canal oficial de Edir Macedo na véspera do primeiro turno, tendo como tí-

tulo: "Direita ou esquerda? Qual tem sido a sua fé? - Meditação Matinal 23/09/22". Na mensagem divulgada, o bispo Edir Macedo apela para que no domingo das eleições todos estejam em uma corrente de fé, e o vídeo tem em sua descrição uma passagem bíblica que separa a direita e a esquerda, fazendo referência respectivamente ao bem e ao mal.

Então dirá o Rei aos que estiverem à Sua DIREITA: Vinde, benditos de Meu Pai, possuí por herança o Reino que vos está preparado desde a fundação do mundo;" Mateus 25:34 "Então dirá também aos que estiverem à Sua ESQUERDA: Apartai-vos de Mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos;" Mateus 25:41. (Direita ou esquerda? Qual tem sido a sua fé? - Meditação Matinal 23/09/22, 2022).

No prefácio do livro "Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios" o autor refere-se a si mesmo como um homem que realiza uma guerra santa contra o demônio; nesse conflito, o demônio é definido como outras religiões ou crenças: kardecismo, umbanda, candomblé e outras seitas similares. Macedo (2004a) afirma que será difícil um cristão ler o livro e continuar a praticar uma fé descuidada e estagnada.

Conforme Macedo (2004a), a pretensão da obra é somente ajudar pessoas que vivem sofrendo por estarem envolvidas pelos espíritos malignos, dedicando a obra aos pais de santo e mães de santo do Brasil que podem ser bem-intencionados, mas precisam de um esclarecimento. Ainda declara desejar que o livro não seja considerado meramente polêmico ou discriminatório, pois sua intenção é levar o leitor a refletir sobre sua religião sem preconceitos, pois essa obra servirá de bússola para mostrar o caminho certo a todos os errantes do mundo, enfronhados nas falsas religiões.

Na mesma obra referida, Macedo (2004a), coloca-se como líder da única igreja capaz de combater as falsas religiões, que são demoníacas. O autor baseia suas informações em passagens bíblicas, afirmando que tudo é interpretação direta da bíblia. O enfoque está no repúdio às religiões de matrizes africanas no Brasil, descrevendo-as como principais canais de atuação dos demônios e afirmando que a bíblia condena as práticas da umbanda, candomblé e espiritismo, sendo a conversão para a IURD o caminho para a salvação.

Edir Macedo e Bolsonaro utilizam em seu discurso o medo, característica elencada por Eco (2015) como fascista, alegam a perseguição dos cristãos, dos cidadãos de bem e a luta constante contra o mal. Esse medo tem um efeito político poderoso, conforme Machado (2023), ele irá transformar-se em ódio nos grupos

ressentidos pela questão econômica ou por sentirem-se excluídos do processo político. O medo leva ao ódio; ódio que se direciona aos diferentes e a todos que se opuserem à sua visão de mundo.

Macedo (2004a), pede o avivamento do Espírito de Deus, que os fiéis saiam pregando que Jesus Cristo salva e libertando as pessoas oprimidas pelo diabo. O povo de Deus precisa agir contra os demônios, pois senão eles começarão a atuar dentro das igrejas. A luta contra os demônios, que representam para o autor todos os males do mundo, é constante e a IURD é uma igreja forte, capaz de humilhar, achincalhar e expulsar o demônio.

Jesus disse que as portas do inferno não poderiam prevalecer contra a Sua Igreja, e os discípulos entenderam muito bem que a nossa principal luta não é contra a carne nem o sangue, mas contra as hostes de satanás organizadas em principados e potestades. “Porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes.” Efésios 6.12 (MACEDO, 2004a, p.121).

Macedo (2004a) afirma que Jesus expeliu uma legião de demônios e ele também pode fazer isso, e que muitos não fazem o mesmo que eles pela falta de coragem ou fé, e isso pode nos ser dado se pedirmos a Deus.

Não podemos ficar olhando para as nossas falhas ou aparências. Eu tenho poder sobre todos os demônios, e também sobre o diabo, porque Jesus me concedeu. Não há ninguém que possa anular aquilo que Ele fez por mim. Nem serafins, nem querubins, nem arcanjos, nem anjos, nem satanás, nem demônios, nem nada, absolutamente nada, pode alterar aquilo que Jesus já decretou! (MACEDO, 2004a, p.121).

Para Edir Macedo, a verdade é somente a interpretação que a sua igreja tem sobre a bíblia e os costumes, sendo o debate e a discordância negativos para a fé. Dessa forma, a autoridade absoluta conferida ao bispo é o que permite a unidade de sua instituição, pois conforme Nascimento (2019), a estrutura da Universal é montada ao redor de Edir Macedo, ele exerce o poder supremo e é uma figura mística na instituição. Sendo assim, essa centralização exige súditos obedientes e leais, ou seja, que não questionem a interpretação e os procedimentos adotados pela autoridade suprema.

Qualquer posicionamento crítico, qualquer questionamento ao líder fascista é visto como indício de alta traição e, portanto, de motivo para a guerra. O culto às armas, ao militarismo e à violência, amplamente difundido pelo governo Bolsonaro, é manifestação dessa guerra permanente para a qual o cidadão “de bem” precisa estar

sempre preparado.

O líder fascista preza pela debilidade das massas, que quanto mais fragilizadas, mais vulneráveis estarão ao seu poder de dominação. Bolsonaro utiliza-se do medo para gerar uma insegurança social, o que pôde ser acompanhado durante a gestão da pandemia da COVID-19. Conforme Kalil (2021), como não possuía políticas públicas para combater a pandemia, ele levanta a descrença nas vacinas, no uso da máscara, e recomenda o uso de medicamentos sem eficácia comprovada, contrariando a ciência e gerando incertezas na população.

Assim, o Estado, durante a pandemia, delega a responsabilidade aos indivíduos e cada um reage de uma forma à tal insegurança, alguns buscam a responsabilização do Estado, outros adotam a completa negação da pandemia, acusando a imprensa de mentir e de estar tentando prejudicar o então presidente. Conforme Kalil (2021), tais teorias conspiratórias promovem o medo e a insegurança, ambiente no qual Bolsonaro consegue movimentar-se politicamente muito bem. O culto à morte está muito presente no discurso utilizado por grupos pró-violência.

A expressão “cpf cancelado”, gíria utilizada pela milícia e por grupos de extermínio, também é utilizada para comemorar a morte de suspeitos de crimes. Conforme o jornal “O Estado de Minas” (2021), Bolsonaro comemorou a morte de Lázaro Barbosa, acusado de cometer uma chacina no Distrito Federal, publicando a frase “cpf cancelado” nas redes sociais. O ex-presidente, segundo a Jovem Pan (2021), também posou para uma foto ao lado de Siqueira Júnior, após participar do programa “Alerta Nacional”, na qual rodeado por seus ministros, sorridente, segura a placa “Cpf cancelado”.

O governo federal, durante o mandato de Jair Messias Bolsonaro, flexibilizou leis para a aquisição e porte de armas, o discurso armamentista foi destaque em suas falas, sempre afirmando a necessidade do cidadão de bem possuir armas. Durante a entrega de títulos de regularização fundiária em Goiás, conforme transcrição de Vasconcellos (2022), ele discursa "O Brasil é um país cristão, nós somos contra o aborto, nós somos contra a ideologia de gênero, nós defendemos a família, nós defendemos a propriedade privada, nós queremos arma de fogo para o cidadão de bem". Em tal discurso é possível identificar, além do heroísmo e incitação às armas, diversas características fascistas, como o tradicionalismo, o patriarcalismo, o populismo qualitativo e o racismo.

Em breves manifestações e discursos é comum Bolsonaro recorrer à incitação ao armamento, às piadas de gênero, aos trocadilhos com conotação sexual, à ridicula-

rização de mulheres e homossexuais; tais discursos fazem parte de uma estratégia de humilhação aos outros, aos inimigos que podem ser qualquer um que critique ou seja visto como ameaça, bem como repórteres e adversários políticos.

Em sua carreira política, Jair Messias Bolsonaro utiliza em diversos momentos frases machistas, misóginas, discriminatórias e com conotação sexual. Ainda em 2014, como deputado federal, conforme Ramalho (2016), ele afirma que a deputada Maria do Rosário do PT/RS não merecia ser estuprada, declara que se caso fosse estuprador não o faria, pois a considerava “muito feia” e “não fazia o seu tipo”.

Em uma entrevista em 2014 ao Jornal Zero Hora, Bolsonaro justifica seu entendimento de que o empresário paga menores salários às mulheres, pois a mulher engravida e tem direito à licença maternidade, ficando muito tempo fora do trabalho e deixando o patrão com toda a conta, perdendo em produtividade. Ele enfatiza que o patrão deve ter liberdade para escolher quanto irá pagar de salário, mesmo que pague menos às mulheres.

Eu tenho pena do empresário no Brasil, porque é uma desgraça você ser patrão no nosso país, com tantos direitos trabalhistas. Isso nenhum deputado vai falar para você, porque você perde voto — já comecei agora a mostrar para você que não estou preocupado com voto. Pode escrever aí: quando o cara vai empregar, entre um homem e uma mulher jovem, o que que o empregador pensa? "Poxa, essa mulher aqui tá com aliança no dedo, não sei o quê, ela vai casar, é casada, daqui a pouco engravida, seis meses de licença-maternidade, bonito para c*, para c*, ". Quem que vai pagar a conta? É o empregador. No final, ele abate no INSS, mas ele fala o seguinte: quebrou o ritmo de trabalho. Quando ela voltar, vai ter mais um mês de férias. Então, no ano, ela vai trabalhar cinco meses (Zero Hora, 2018).

Em 2020, já como presidente da República, Bolsonaro insulta a jornalista Patrícia Campos Mello, do jornal Folha de São Paulo, a repórter foi responsável por uma reportagem sobre o disparo de mensagens de *Whatsapp* durante as eleições. Ao referir-se ao caso, segundo Poder 360 (2020), durante entrevista aos jornalistas em frente ao Palácio do Alvorada, o presidente dispara: "Ela queria um furo. Ela queria dar o furo a qualquer preço contra mim" ao utilizar tais termos com conotação sexual e enfatizar o duplo sentido das palavras seus apoiadores riem.

A retórica de Bolsonaro busca homogeneizar o povo e apagar diferenças, a despolitização promovida visa apagar pautas como o enfrentamento às desigualdades raciais e de gênero, o discurso de que “somos todos iguais” aproveita-se da insatisfação dos grupos, em sua maioria conservadores, para o apagamento das diferenças e silenciamento dos debates públicos, principalmente aqueles que promovem atenção às minorias. Baptista, Rauber e Orlandini (2022) destacam que tal

retórica nacionalista e despolitizadora dirige-se a grupos específicos da sociedade, uma comunicação populista, que é acompanhada pelo movimento conservador, pois é marcada pela despolitização de questões defendidas por grupos progressistas, que abrangem na maioria das vezes direitos de grupos minoritários.

O quinto e último motivo apontado pelo bispo iurdiano Cardoso (2022), pelo qual o cristão não pode compactuar com a esquerda é porque a esquerda busca destacar as diferenças para provocar a briga entre as pessoas; utilizando de um apoio falso às diferenças, somente objetiva conquistar e manipular pequenos grupos, pois é mais fácil que manipular um grupo único e grande.

Novamente, em 4 de outubro de 2022, após o primeiro turno das eleições, o bispo Macedo posta o vídeo “Jejum pelo direito da fé em Deus, na pátria e na família” (2022), disponível em seu canal e em vários canais da IURD no *youtube*. Diante da vantagem em primeiro turno do candidato da esquerda, ele compara a esquerda ao inferno, afirmando a união de seus representantes com o demônio para que o candidato da esquerda vença e conclamando o povo de Deus, referindo-se à direita, para que unam-se; fala em enfrentar exércitos inimigos muitos poderosos, como a mídia, comparando o candidato da direita ao rei Josafá, o qual, na passagem bíblica citada, busca a Deus por meio do jejum e da oração no momento em que todos os inimigos se juntam para derrotá-lo. O bispo finaliza o vídeo convocando os fiéis a realizar um jejum de 12 horas, a partir do dia 9 de outubro, todos os dias até a data do segundo turno das eleições, para livrá-los do mal, alegando que o “pessoal da esquerda” quer destruir a família.

Quanto ao machismo e o desdém às mulheres, como parte da ansiedade sexual recorrente em ambientes e personalidades fascistas, os discursos da IURD defendem a necessidade da organização patriarcal e a restrição aos direitos das mulheres. No vídeo publicado em quatorze de março de 2016, no canal da Igreja Universal no *youtube*, intitulado “Qual qualidade o homem quer na mulher?” Edir Macedo faz afirmações, baseadas na palavra de Deus, que reduzem o papel da mulher na sociedade a cuidadoras do lar e do marido.

No vídeo “Qual qualidade o homem quer na mulher?”, Macedo afirma que quando Deus fez a mulher ele fez uma auxiliar para completar o homem. Com o desenvolvimento do pecado as pessoas perderam esses princípios de Deus. Se as pessoas obedecessem a Deus não seriam infelizes, segundo Macedo, o papel da mãe do marido é substituído pelo da esposa e essa é quem agora lhe fará as refeições, a esposa será a segunda mãe.

Para o bispo Edir Macedo (2016), quando a mulher passar o seu marido, em conhecimento, em estudos e salário, ela está armando uma armadilha para si mesma e irá perdê-lo, pois os papéis estão invertidos, a mulher não deve ser a cabeça, ela não deve mandar, sua função atribuída por Deus é a de auxiliar, a figura de líder deve ser do marido. Macedo afirma que o homem procura a substituta de sua mãe para lhe cuidar, sendo que toda mulher que ultrapassa o poder de seu marido é infeliz.

Conforme Mantovani, Santos e Nascimento (2022), as afinidades de diversos grupos sociais com os papéis sociais tradicionais de gênero fortaleceram um dos eixos centrais da campanha eleitoral de Bolsonaro. Os argumentos pró-família se encaixam nas perspectivas cristãs conservadoras da família patriarcal hierárquica, e os movimentos relativos ao combate às desigualdades de gênero e à promoção dos direitos das mulheres e da população LGBTQIA+ são apontados como os “culpados” por destruir a família. A família tradicional é encarada como o espaço para naturalizar a disciplina e a autoridade, assumindo as responsabilidades com educação, saúde e cuidado, suprimindo o déficit público e as expensas com políticas públicas de bem-estar social.

Michele Bolsonaro é protagonista na campanha eleitoral do marido Jair, ela é a perfeita representação da função da mulher no campo evangélico, que reforça a hierarquia patriarcal. Conforme Mantovani, Santos e Nascimento (2022), Michele ocupa um lugar simbólico criado pelo patriarcalismo, o de mulher e esposa que ascendeu na sociedade pelo casamento. Definida como um modelo a ser seguido, evangélica e devotada ao marido, mãe, bonita e jovem, reproduz a aliança dos valores patriarcais com a religião e reforça a aceitação das lógicas patriarcais autoritárias.

Nos quatro anos de governo, Bolsonaro manteve um ambiente extremista, com a naturalização do autoritarismo e do moralismo cristão antigênero. No texto em que o Bispo Cardoso (2022) aponta os motivos pelos quais um cristão de verdade não pode compactuar com a esquerda, o primeiro deles está no fato de que a esquerda prega contra o casamento convencional, pois com a desestruturação das famílias e das redes de apoio, e com a sociedade doente, eles podem salvar o povo utilizando um assistencialismo manipulador. O segundo motivo é que a esquerda, historicamente baseada no marxismo, nega a existência de Deus. O marxismo produziu as maiores ditaduras, que perseguiram os cristãos e perseguem até hoje.

O terceiro motivo é que, conforme Boito Júnior (2020), o ideário conservador e fascista, abordado pelo nacionalismo exacerbado do bolsonarismo, compreende o Brasil como um coletivo homogêneo, e aqueles que ameaçam tal homogeneidade pre-

cisam ser combatidos, como os movimentos de trabalhadores, de mulheres, de negros, da população indígena, quilombola e LGBT.

No vídeo intitulado “Benção para a Família | 24/12/2022” publicado no canal da Igreja Universal no *youtube*, Edir Macedo traz uma mensagem de Natal. O vídeo também foi transmitido ao vivo pela Record TV. O bispo faz a seguinte narrativa: “Ninguém nasce homossexual, lésbica, ninguém nasce mau, todo mundo nasce perfeito com a sua inocência”. O bispo neopentecostal afirma ainda que gays, lésbicas e bandidos seriam pessoas que nasceram boas, mas o mundo corrompe-as, mas Jesus está com todas essas pessoas, que estão para ele em situação de exclusão.

Em seu livro “Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios”, o bispo Edir Macedo (2004a) associa as pessoas que buscam os terreiros a criminosos, prostitutas e homossexuais, concluindo que tais pessoas precisam receber o perdão de Jesus Cristo, uma declaração claramente homofóbica.

Dentre os que procuram os terreiros para fechar os corpos, a sua maioria se compõe de criminosos, contraventores, prostitutas, homossexuais, etc. Todas essas pessoas precisam, de fato, abrir o corpo e a mente para que o Espírito Santo faça morada em suas vidas e se tornem criaturas remidas pelo sacrifício expiatório de Jesus Cristo (MACEDO, 2004a, p.113).

O Ur-fascismo, conforme Eco (2018), tem medo da diferença, ele é racista e xenófobo por definição. Ao afirmar que as pessoas não são boas devido a sua orientação sexual, o bispo apela aos grupos intolerantes e normaliza tal discriminação utilizando a palavra de Deus.

Em “Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios” (2004a), Macedo revela dez passos para o fiel atingir à completa libertação. Um desses passos é evitar as más companhias, definidas pelo bispo como aquelas pessoas que não professam a mesma fé, ele sugere procurar amizades com pessoas que possuam a mesma fé. Tal manifestação sugere uma segregação dos cristãos neopentecostais de outras religiões, evitando assim qualquer outra visão sobre a religiosidade ou discussão sobre o tema que possa colocar em xeque a fé cristã.

Em entrevista concedida à Andreia Dip, jornalista da Agência Pública, pelo jornalista Gilberto Nascimento, autor do livro “Reino”, escrito a partir de uma investigação de quatro anos sobre a IURD, ao ser questionado da importância e do papel de Edir Macedo no governo de Bolsonaro, Gilberto (2020) afirma não ter dúvidas que tal governo é o mais afinado ideologicamente com os desejos da igreja Universal. Nascimento (2020) ainda destaca que há grupos que desejam que as decisões políti-

cas sejam tomadas com base em preceitos de grupos religiosos, que o Brasil viva uma teocracia, outros grupos desejam decidir se as mulheres podem ou não fazer aborto. Tais segmentos ganharam força no parlamento na atualidade. A Universal já contava, em 2020, com trinta deputados, fazendo parte da chamada “bancada evangélica” ou “bancada da bíblia”. Tal ativismo evangélico possui uma pauta extremamente conservadora, que foi essencial para a eleição de Bolsonaro.

O elitismo baseado na hierarquia é outra característica presente na descrição de Eco (2018) e na IURD. No fascismo, o líder sabe que sua força baseia-se na debilidade das massas, que são fracas e merecem um “dominador”. Conforme o entrevistado Nascimento (2020), o bispo Edir Macedo é centralizador e, embora delegue alguns poderes, é quem decide dentro da estrutura. A Igreja Universal possui um conselho de bispos, no entanto, se a decisão do conselho contrariar Macedo, há um momento em que ele fala “eu vou colocar a minha pata de elefante em cima disso aqui” (Nascimento, 2020). Ou seja, se o líder não gostar de alguma decisão, ele a muda, pois traz consigo o desprezo por seus subalternos e suas opiniões.

A IURD possui uma estrutura administrativa centralizada, autoritária e organizada conforme uma hierarquia eclesial na seguinte ordem de ascensão: obreiros, pastores e bispos. Conforme Nascimento (2020) o bispo Edir Macedo não está à frente da administração rotineira, mas acima dela, acompanhando e fiscalizando, ele exala autoridade e delega poderes e tarefas, mas é implacável com quem ousa traí-lo, desobedecê-lo ou ameaçar o seu brilho perante a igreja.

Carismático e bom comunicador, Edir Macedo percebeu que o discurso simples atrai mais público. Ele utiliza termos pouco comuns para a igreja, “como dizer que a vida de alguém “está um cocô”. Tais expressões atraíam mais ouvintes e a técnica era repassada aos colegas. Macedo sedimentou seu sucesso nas pregações entre os mais pobres, utilizando um discurso espontâneo e sem floreios, ele mira em um só adversário a ser combatido: o demônio (Nascimento, 2019, p.45).

A novilíngua foi uma ferramenta utilizada em governos autoritários e fascistas para alterar o sentido das palavras aos seus interesses. Tal linguagem tem um léxico pobre e visa simplificar os raciocínios e argumentos, para que sejam de fácil assimilação e pouca ou nenhuma reflexão. A novilíngua é adotada por Macedo ao propor uma explicação fácil para problemas complexos: doenças, misérias, pobreza, todos estes problemas que seriam solucionados através da expulsão do demônio da vida dos fiéis e da contribuição destes para com as obras de Deus.

O autoritarismo da direita utilizou do mesmo recurso *orwelliano* para distorcer

os fatos ao seu favor, Bolsonaro e seus ministros distorceram o sentido de suas palavras a todo momento para tentar mudar a realidade de suas declarações, conforme manifestações claras da novílingua promovida pelo então governo e transcritas por Pereira (2020).

A mais recente demonstração de como é possível torcer o sentido das palavras para tentar mudar a realidade é a declaração do presidente Jair Bolsonaro de que nunca proferiu o nome da “Polícia Federal” na já famosa reunião ministerial em que foi acusado pelo ex-ministro Sergio Moro de tê-lo ameaçado de demissão. Depois de idas e vindas, com versões que contradiziam o presidente, até mesmo do ministro Luiz Eduardo Ramos, a transcrição oficial do áudio feita pela Advocacia-Geral da União (AGU) revela que, sim, o presidente se referiu à Polícia Federal. Confrontado com a realidade, o que faz Bolsonaro? Explica na “novílingua”: “Está a palavra PF. Duas letras. (...) Tem a ver com Polícia Federal, mas é a reclamação PF no tocante ao serviço de inteligência”.

[...]

Também o ministro Braga Neto, Chefe do Gabinete Civil, utilizou-se da “novílingua” para explicar o inexplicável: “O presidente respeita a ciência, mas ele tem visto radicalismos”. Esse seria o caso de um “duplipensar”, palavra que Orwell criou em 1984 para definir a possibilidade de um indivíduo ter pensamentos contraditórias entre si.

[...]

O ministro da Economia Paulo Guedes, que aderiu ao histrionismo bolsonariano, explicou em “novílingua” o direito que ele acha que o presidente Bolsonaro tem de se infectar: “É um direito dele ser infectado, porque ele não está infectando ninguém.” (Pereira,2020).

Boito Júnior (2021) afirma que o governo de Bolsonaro e o “bolsonarismo” são mais que mero “populismo de direita”; eles são, sim, fascistas. A partir das características elencadas por Eco (2015) é possível sustentar a afirmação de Boito Júnior (2021) que o governo de Bolsonaro e o bolsonarismo são fascistas; afinal, não é difícil perceber que a grande maioria, senão todas as características elencadas estão, em algum nível, presentes nos discursos e nas práticas do bolsonarismo.

Quanto à suposição de Mariano (1999) de que com o crescimento e a acomodação social, os neopentecostais, no decorrer dos anos, tornariam-se mais flexíveis, reduzindo sua agressividade contracultural, ela pode ser refutada na atualidade, ao confrontar com a maior igreja do segmento neopentecostal, a IURD, por meio da liderança de Edir Macedo, alinhada ao discurso do ex-presidente Bolsonaro, incorporando diversas características elencadas por Eco (2018) como pressupostos de um ambiente fascista.

3.3 REPERCUSSÕES NA DEMOCRACIA

Diante do adensamento da relação entre religião e Estado, comprometendo o

moderno princípio da laicidade, a presente pesquisa debruçou-se sobre as afinidades de Bolsonaro com o líder da IURD e, a partir dessa associação, busca apontar qual a repercussão da inserção da religião no campo político em sociedades democráticas.

A aproximação da religião neopentecostal à política, no Brasil, fortaleceu características elencadas por Eco (2018) como elementares do fascismo. O neopentecostalismo trouxe para o campo político a luta do bem contra o mal, a IURD foi responsável por fomentar o autoritarismo para impor sua moralidade eclesial perante a sociedade brasileira e suscitar o ódio a todas as formas de pensamento e de vida diferentes de sua visão. Tal ascetismo religioso encontrou terreno fértil em uma sociedade desacreditada na política para disseminar suas ideologias e a necessidade de recuperação dos valores morais como única forma de “salvação” da nação.

Conforme Burckhart (2018), a laicidade e a liberdade religiosa fundaram uma nova ordem política e social da modernidade brasileira. Um Estado laico implica, além de sua desvinculação das instituições religiosas, na remoção de referências e conteúdos religiosos da legislação, ficando isso no plano íntimo e individual, na esfera privada de cada cidadão.

No entanto, a aproximação entre Estado e religião, retomada pela ascensão dos neopentecostais na política nacional constituiu, para Burckhart (2018), uma clara violação de um dos pilares do Estado Democrático de direito: a laicidade. Ao inserir-se na política, o neopentecostalismo atua na retomada de valores ligados ao “tradicionalismo”, manifestando em seus discursos políticos a repulsa às mudanças culturais e a tomada de um posicionamento reacionário quanto a elas.

A associação entre religião e política culminou na eleição de Jair Messias Bolsonaro, um líder autoritário, que despreza as regras democráticas, demoniza seus opositores políticos e não tolera qualquer discordância. Utilizando de uma propaganda de combate à corrupção e da essencialidade da religião cristã para a manutenção de valores puros da nação, Bolsonaro assume um populismo qualitativo e autodenomina-se o único representante de uma massa que se considera a maioria no país, mesmo não sendo, uma maioria que ignora a diversidade e as minorias sociais e apoia-se no lema “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” para justificar escolhas antidemocráticas.

Uma democracia requer um líder que conheça e respeite as regras; no entanto, como líderes autoritários, contrários às regras institucionais tornam-se representantes em um Estado Democrático? Como um candidato defensor da ditadura militar e com

discurso neofascista chegou à presidência da República do Brasil, em 2018?

Para Machado (2023), a mobilização da fé fornece uma base de apoio sólida para as candidaturas, como recursos materiais e narrativas ideológicas; esse suporte religioso, além da condução eleitoral, auxilia na sustentação de um governo. Tal apoio possibilita aos líderes religiosos participação na gestão, influência na formulação de políticas públicas e na reorganização das relações entre Estado e religião. Isso foi vivenciado, no Brasil, durante a gestão da pandemia da COVID-19, em que muitas decisões políticas foram baseadas em um anticientificismo e nos interesses de alguns líderes religiosos.

A religião teve papel substancial na eleição de Jair Messias Bolsonaro, em 2018, e na tentativa de reeleição em 2022. As igrejas neopentecostais, em especial a IURD, conseguem alinhar-se aos ideais morais e ao mesmo tempo promover a política liberal no plano econômico. Incutida nas classes mais periféricas, a IURD, por meio de uma linguagem simplista, atrai esse público ao lhe dar causas e soluções simples para os problemas que assolam a realidade: o diabo é a definição de todas as mazelas do dia a dia, e a solução é ter fé e servir a Deus, que ele irá expulsar o demônio da vida dos fiéis. Essa visão individualista da pessoa, como única responsável por sua situação econômica, difunde o neoliberalismo e a meritocracia entre as classes sociais mais vulneráveis.

Schumpeter (2017) define um *outsider*⁴ como um indivíduo que entra na arena política acolhendo problemas que não receberam interesse das forças governamentais e da oposição, por não terem reconhecido seu valor político ou por serem realmente duvidosos. Assim, o *outsider* acolhe tais problemas e aspira ao poder como candidato independente e liberto de qualquer partido político.

Bolsonaro representava a figura do *outsider* nas eleições de 2018, deputado federal que pertencia ao "baixo clero" do Congresso Nacional, em uma trajetória surpreendente elegeu-se presidente da República. Um *outsider* que acolheu pautas moralistas e religiosas, que se intitulou escolhido por "Deus" para as eleições e apontava o concorrente como o "demônio" que precisava ser combatido. A definição dos opositores políticos como inimigos é característica recorrente do fascismo; sendo assim, a campanha eleitoral de Jair Messias Bolsonaro encontrou a sua base religiosa

⁴ *Outsider*: indivíduo que não pertence a um grupo determinado. Embora representasse a figura do *outsider*, Bolsonaro começou sua carreira política em 1988, passando pelos cargos de verador do Rio de Janeiro e posteriormente conquistando sete mandatos como deputado federal pelo Rio de Janeiro, até chegar à presidência (Biblioteca da Presidência da República, 2024).

nos discursos do bispo Edir Macedo, pois a IURD encena no campo político a existência de uma luta do bem contra o mal, na qual o bem é representado por seus candidatos e o mal pelos oponentes.

O bolsonarismo cria uma maneira de pensar o país e a política pautada no nacionalismo cristão, que funde o patriotismo militarista e a visão religiosa sectária, definido por Machado (2023) como o populismo religioso de direita radical. Desse fenômeno político ascendem líderes e grupos que defendem bandeiras como nacionalismo, racismo, machismo, xenofobia e autoritarismo, características elementares do fascismo original e que alavancam o neofascismo na atualidade brasileira.

Na IURD, todas as decisões passam pela aprovação de Edir Macedo. Autoritário, ele é o grande e único líder da instituição e por meio de sua interpretação particular sobre a bíblia e a monopolização da palavra de Deus, utiliza uma linguagem não dialógica. Conforme Tiburi (2018), o autoritarismo intelectual é aquele no qual um líder dita as ideias e seus seguidores, que não têm ideias próprias, as absorvem. Os conquistadores em todo o mundo triunfaram, pois na dominação a linguagem é utilizada de uma forma não dialógica, evitando o diálogo e impondo uma razão já previamente estabelecida.

A proximidade dos discursos de Edir Macedo e Bolsonaro remetem ao fundamentalismo religioso, caracterizado por Oliveira (2021) como uma postura que defende doutrinas extraídas de livros considerados sagrados, pregando um modo de organização social intolerante com a diversidade religiosa, sexual e cultural. Essa intolerância pode desencadear uma agressividade que causa efeitos nefastos ao convívio social.

Desde sua origem, nos EUA, o neoconservadorismo culpabiliza o declínio dos valores morais pelos problemas sociais. Bolsonaro utiliza-se da aliança entre política e religião para apresentar as soluções para as mazelas sociais do país: o fortalecimento da família tradicional brasileira, o combate ao comunismo e à “ideologia de gênero” e a crença em um “Deus acima de todos”. A aplicação dos princípios neoliberais para a recuperação da moral “perdida” é o caminho apresentado por Bolsonaro na campanha de 2018, para a prosperidade do país.

Na escolha de André Mendonça para uma vaga no Supremo Tribunal Federal (STF), houve a personificação da fusão entre política e religião. Conforme Mendonça (2021), tal indicação decorre de uma promessa de Bolsonaro às lideranças de igrejas neopentecostais, de que indicaria um ministro evangélico ao STF em troca de apoio

político. Em dez de julho de 2019 após um culto realizado pela Frente Parlamentar Evangélica na Câmara dos Deputados, o presidente participou de sessão solene em comemoração aos 42 anos da Igreja Universal do Reino de Deus, evento em que reiterou o compromisso de indicar um evangélico.

O Estado é laico, mas nós somos cristãos (...) Nós somos terrivelmente cristãos. E esse espírito deve estar presente em todos os poderes. Por isso, o meu compromisso: poderei indicar dois ministros para o Supremo Tribunal Federal. Um deles será terrivelmente evangélico (TV Migalhas, 2019).

Antes da sabatina de André Mendonça no Senado, Bolsonaro chegou a dizer que precisava de alguém disponível no STF, para pedir vistas como forma de bloquear o avanço de julgamento de assuntos comportamentais que não interessam aos conservadores. Além disso, o ex- presidente relata que “gostaria de ter alguém na corte com quem pudesse almoçar uma vez por mês como forma de manter um entrosamento. E defendeu que o indicado iniciasse sempre as sessões do STF com orações” (Mendonça, 2021).

André Mendonça, servidor de carreira da Advocacia-Geral da União (AGU) desde o ano 2000, é um pastor presbiterano e ativo no meio evangélico. Conforme Machado e Luiz (2021), ao ser sabatinado, o ministro assumiu compromissos em defesa da democracia, da justiça e da laicidade, e em seu discurso agradeceu a Deus pela nomeação e afirmou que ela é um salto para os evangélicos, uma vitória para a comunidade evangélica brasileira.

Em consonância com a agenda da gestão de Bolsonaro com o segmento religioso, em 29 de julho de 2022 a Receita Federal publicou o Ato Declaratório Interpretativo RFB nº 1. Conforme Máximo (2024), esses atos declaratórios são a interpretação da Receita Federal sobre a aplicação de normas fiscais; no caso, o ato estabelecia a isenção tributária sobre os salários de ministros de confissão religiosa, membros de instituto de vida consagrada, de congregação ou de ordem religiosa.

O Ato Declaratório Interpretativo RFB nº 1/2022 foi assinado pelo então secretário especial da Receita Federal, Julio Cesar Vieira Gomes, que segundo Máximo (2024) solicitou exoneração em junho de 2023, logo após vir a público seu envolvimento na tentativa de liberação das joias sauditas recebidas como presente pelo ex-presidente Jair Messias Bolsonaro. Tal ato foi suspenso em janeiro de 2024 pelo Ato Declaratório Executivo RFB nº 1, de 15 de janeiro de 2024, por determinação do TCU, visto que a isenção foi considerada atípica, por não ter sido analisada pela Subsecretaria de Tributação da Receita.

A laicidade não pode ser relativizada por interesses de determinados grupos e instituições representativas. Burckhart (2018) alerta que essa confusão entre o governo e religião pode acarretar retrocessos significativos, principalmente quanto aos direitos humanos e aos direitos de grupos sociais marginalizados historicamente no processo de decisões políticas. A laicidade não pode ser uma mera previsão, ela precisa ser concretizada, pois é o pilar de uma sociedade plural e legitimamente democrática.

O fundamentalismo religioso, para Lionço (2017), é uma das forças que atua em oposição à democracia, baseado na alegação de que a modernidade ocasionou diversos prejuízos morais que organizavam a vida em sociedade. Entre os prejuízos elencados estão a desconstituição do papel social do homem e da mulher, da família heteronormativa e monogâmica e da suposta decência das práticas sexuais, que deveria restringir-se aos ideais familistas e de procriação.

Segundo Lionço (2017), o fundamentalismo religioso pode ser associado ao nacionalismo; a nova direita, no Brasil, utiliza de uma moralização associada aos valores religiosos para a tomada de poder. Tal estratégia política prima pelo enfraquecimento do Estado e legitima a exclusão de direitos de determinados grupos sociais em prol da manutenção de privilégios de determinados grupos.

A ofensiva do fundamentalismo religioso atua em contraposição às lutas políticas das mulheres e das minorias sexuais, como homossexuais, transexuais e travestis. No Brasil, o pânico moral promovido pelas polêmicas envolvendo principalmente direitos sexuais e reprodutivos, leva à criminalização de movimentos sociais e ódio contra ativistas feministas e LGBTs. Para Lionço (2017), essa reivindicação pelo retorno das tradições e preceitos basilares da vida social causaria diversos retrocessos na agenda dos direitos humanos.

É por isso que as leis e outras normas não devem impor exatamente como as pessoas devem levar a vida, mas apresentar interditos sobre o que não seria legítimo fazer por acarretar danos a outrem, reservando às pessoas e grupos liberdade no modo como conduzem as próprias vidas em responsabilidade junto ao conjunto sempre mais amplo da sociedade. (Lionço, 2017,p.213).

A laicidade é um princípio, nas sociedades democráticas, de promoção da diversidade social. Conforme Lionço (2017), a incidência do discurso religioso na política nacional brasileira revela um ataque antidemocrático para fins de polarização moral e acirramento das desigualdades, gerando prejuízos para grupos sociais historicamente marginalizados: mulheres, minorias sexuais e população negra.

Conforme Burckhart (2018), é essencial a estruturação de mecanismos legislativos e judiciais que assegurem o que prevê a Constituição Federal de 1988, que os mandatos políticos, instrumentos da democracia, sejam comprometidos com os direitos fundamentais dos cidadãos, entre eles os direitos à liberdade de crença e o Estado laico. Tais mecanismos devem agir contra os representantes políticos que não assumam o seu verdadeiro papel democrático, de atuar dentro da constitucionalidade.

O espaço público precisa ser espaço de respeito mútuo e afirmação das identidades, de segurança para que todos os indivíduos se comuniquem e possam manifestar sua individualidade. O Estado precisa ser implementativo dessas liberdades, dar espaço às diferenças e respeitá-las. Nesse sentido, para formular uma sociedade mais democrática e justa é essencial combater o autoritarismo e manter a autonomia das decisões estatais em relação à qualquer religião.

Quando líderes religiosos passam a impor candidaturas aos seus fiéis e influenciar na definição de políticas públicas, a democracia corre sérios riscos. Embora a atual Constituição da República do Brasil de 1988 preconize a laicidade do Estado, o atual cenário político brasileiro é assolado por pautas moralistas e religiosas.

A ascensão das igrejas neopentecostais nos grupos sociais mais vulneráveis e marginalizados deve-se ao fato de ser uma das poucas entidades que insere-se no cotidiano das periferias. A IURD ascende primordialmente nesses espaços onde o Estado é insuficiente no combate aos problemas advindos da marginalização social, ocasionados pela desigualdade econômica extrema. Tais cidadãos, à margem das relações sociais, ficam à mercê de subpolíticas de autoafirmação e de promessas de ascensão social por meio unicamente da fé e do esforço individual.

A inserção do fundamentalismo religioso na política demonstra que o Brasil não vive uma democracia sólida e efetivamente inclusiva. O fortalecimento de uma cultura política cívica e democrática somente será possível se o Estado ocupar essas lacunas democráticas, fornecendo cultura, educação e políticas públicas eficazes às parcelas marginalizadas da população. Essas condições precisam oportunizar que tais grupos tenham acesso à possibilidades reais de aquisição de renda e de melhora de vida, para que sintam-se incluídos na sociedade e afirmem-se como cidadãos integrados e capazes de contribuir com as funções de representação democrática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ascendem na sociedade brasileira atual pautas fundamentadas na irracionalidade e no questionamento de ideais já consolidados com a secularização das sociedades. No campo político nacional destaca-se o aumento da influência da religião na política partidária, colocando em risco a laicidade do país e a racionalidade até então pautada na ciência.

A partir da análise dos discursos de Jair Messias Bolsonaro e Edir Macedo é possível auferir que eles representam muito bem a conexão de política e religião no Brasil. A política neofascista encontrou na IURD além de uma instituição alinhada às suas ideologias, mas também um movimento religioso baseado em valores individualistas, que concretizam o ideal de mobilidade social almejado pela lógica capitalista. O movimento neoliberal brasileiro encontrou na IURD respaldo religioso para as suas pautas conservadoras nos costumes e liberais na economia.

Tal inferência reforça justamente a tese da presente pesquisa: a de que eles se complementam e se potencializam enquanto lideranças políticas que materializam o fascismo. Eles se retroalimentam e, de certa forma, pode-se dizer que Macedo é uma espécie de fonte do substrato ideológico que legitima o comportamento fascista facilmente percebido em Bolsonaro.

Nos discursos de Macedo são percebidos mais elementos de fundo ligados ao fascismo, como o recurso do misticismo; a negação da ciência (inimiga da religião); a ampla defesa da família patriarcal e do machismo; e a negação do princípio da laicidade do Estado. Esses elementos são tipicamente oriundos do pensamento religioso, sobrenatural ou, nos termos de Umberto Eco, antimoderno e anticientífico.

Já em Bolsonaro, notam-se mais elementos ligados à ação, ao empirismo irreflexivo: a defesa da violência; o combate, inclusive bélico, contra os adversários políticos; o ataque à democracia e suas instituições; a deslegitimação dos adversários; a ignorância como parâmetro da vida pública; o enaltecimento da ignorância e da violência em detrimento da reflexão.

Por fim, enquanto em Macedo ficam mais evidentes os elementos de fundo da ideologia fascista, suas bases conceptuais, em Bolsonaro verifica-se com mais frequência a parte operacional dessa ideologia, sua dimensão mais factível e empírica. O líder da IURD, junto à defesa de valores morais e cristãos e a extrema direita brasileira, representada por Bolsonaro, apresentam em suas manifestações públicas características neofascistas.

Autores contemporâneos como Boito Júnior (2020) e Souza (2019) pontuam, a partir das características do fascismo originário, a ascensão do bolsonarismo no cenário político brasileiro como o neofascismo. Esse movimento assume o compromisso com grupos religiosos e conservadores, em contraposição aos avanços de pautas progressistas e de grupos minoritários. O objetivo do presente estudo foi concretizado com a identificação de diversos elementos neofascistas nos discursos analisados. A partir desse reconhecimento é possível refletir sobre os possíveis impactos de tais elementos na corrosão das instituições e dos ideais da democracia no Brasil.

Historicamente, a religião no Brasil influenciou as decisões estatais. Esse vínculo permanece por meio das relações entre partidos e políticos, fazendo com que questões religiosas influenciem debates legislativos e políticos. A ascensão de ideais neofascistas na política brasileira conta com o engajamento da população a pautas moralmente conservadoras e economicamente liberais, o que é definido como o neoconservadorismo. Discursos neofascistas ainda são responsáveis por inflar o machismo, a xenofobia, a homofobia, a intolerância religiosa e todo tipo de preconceito, além de promover o anticientificismo e polarizar ainda mais a sociedade.

O fortalecimento da chamada bancada evangélica na política brasileira é reflexo do aumento do número de igrejas e de fiéis desse segmento religioso, além da significativa participação da IURD que, exercendo seu poder de comunicação, apoia diferentes candidatos e partidos e influencia eleições e agendas legislativas. Nesse cenário, Edir Macedo e Jair Messias Bolsonaro conseguem associar o discurso político e religioso com elementos neofascistas, causando uma divisão social entre o “bem” e o “mal”, entre o “nós” e o “eles”.

Pautas conservadoras têm avançado no Congresso Nacional brasileiro devido à eleição de seus representantes e o fortalecimento da bancada evangélica, o que pode pôr em xeque pautas progressistas no campo moral, e até o retrocesso de conquistas legislativas pelas minorias sociais. Mas como frear a disseminação desses ideais no Brasil, sendo que a combinação entre igreja e política parece cada dia mais sólida e influente?

Quando a liberdade política é constrangida por discursos religiosos, que utilizam da fé e da figura de Deus para direcionar a vontade política de seus fiéis, e quando representantes eleitos baseiam-se em valores morais e religiosos ao invés do bem coletivo para tomar decisões, tais fatos refletem diretamente no desenvolvimento e na criação de políticas públicas, sendo a presente pesquisa de grande relevância

para o curso de Mestrado em Desenvolvimento e Políticas Públicas.

A finalidade das políticas públicas deve ser centrada no bem comum. Elas precisam ser capazes de reduzir desigualdades e proporcionar a equidade e a universalização de direitos. A cidadania só é alcançada quando os cidadãos são capazes de exercer seus direitos civis, políticos e socioeconômicos; portanto, a efetiva democracia só existe quando os cidadãos têm consciência dos seus direitos e deveres e exercem seu livre direito de escolha perante à administração pública.

É a partir dos problemas sociais que as políticas públicas são desenvolvidas, e é no momento da escolha de quais problemas o Estado irá direcionar seus programas e intenções, que giram os conflitos de interesse entre os diversos representantes políticos e segmentos sociais. No entanto, a partir do momento em que a religião influencia diretamente as decisões estatais e cria entraves para o reconhecimento de demandas sociais que desencontrem de seus preceitos morais, o Estado tem comprometido o seu compromisso com o bem-estar coletivo e a laicidade.

O avanço da moralidade religiosa no âmbito da vida civil e particular dos cidadãos põe em risco o avanço de décadas de luta por visibilidade e criação de leis e políticas públicas de inclusão, proteção e redução das desigualdades sociais. Minorias que historicamente foram excluídas das decisões estatais podem ter seus direitos novamente suprimidos.

Interpretações extremistas de qualquer religião trazem consequências negativas para toda a sociedade, destacando-se a intolerância religiosa e a violação dos direitos humanos, que são comuns em sociedades nas quais não há separação entre Estado e religião, em que as leis são compostas por elementos políticos e religiosos. A falta de atuação do Estado na promoção e proteção de direitos sociais nos espaços mais periféricos oportuniza que a religião atue neles subsidiariamente, fornecendo auxílio e suporte à esta população, que passa a confiar irrefletidamente nessas intuições. A influência direta da religião no Estado polariza ainda mais a sociedade, dividindo-a em grupos e dificultando o encontro de pontos de consenso e cooperação em prol de um bem em comum.

A presente pesquisa revela a fragilidade de uma democracia frente a uma parcela da população desacreditada na política e receptiva a alternativas não democráticas. Os representantes autoritários aproveitam-se dessa vulnerabilidade para manterem-se no poder, questionam o próprio sistema que os elegeu, instaurando um ambiente de insegurança política que é a condição ideal para justificar a execução de atos neofascistas e antidemocráticos.

Como futura Mestre em Desenvolvimento e Políticas Públicas denoto a complexidade da manutenção de sociedades democráticas, nas quais não basta somente que os representantes sejam comprometidos com a democracia, mas sim a maioria dos cidadãos, rejeitando alternativas autoritárias e neofascistas, e priorizando partidos políticos que mantenham suas condutas dentro das normas democráticas básicas. No entanto, um dos maiores riscos à democracia está justamente na conduta dos cidadãos, que estão mais receptivos a modelos não democráticos e dão menos importância a viver em uma democracia.

O grande desafio na defesa da democracia é como criar mecanismos eficazes que exijam dos mandatários públicos o comprometimento com a democracia e a laicidade do Estado, impedindo que pautas alheias à busca do bem-estar coletivo definam a criação, edição e revogação de qualquer legislação que trate sobre direitos individuais. No entanto, o que pode ser definido como moral? Como delimitar qual o limite que a moral pode exercer na política? E o que pode ser definido como moral ou simplesmente fundamentalismo religioso? São questionamentos cuja resposta é desafiadoramente complexa, e justamente por tratar-se de uma democracia, qualquer restrição pode ser caracterizada como violação à liberdade de expressão e de crença.

REFERÊNCIAS

- Abertura Oficial da Semana das Comunicações. **Canal Gov**. 5 de maio de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Qlz0UuPAVjc>>. Acesso em 18.mar.2024.
- ALVES, Syntia Pereira. Mídia, democracia e a presença dos neopentecostais na política brasileira. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CIÊNCIA POLÍTICA, 10., 2016, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos**. Rio de Janeiro: ABCP, 2016. p. [1-14]. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/6516>>. Acesso em: 17abr. 2023.
- ANTONIO, Gabriel Henrique Burnatelli de; LAHUERTA, Milton. O neopentecostalismo e os dilemas da modernidade periférica sob o signo do novo desenvolvimentismo brasileiro. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 14, p. 57–82, maio 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/RS8WDsN4tkYGcFKbnqsnWZd/#>>. Acesso em: 7 maio 2023.
- ARENHART, Livio Osvaldo *et al.* **Metodologia e epistemologia**: um olhar reflexivo e analítico sobre procedimentos de pesquisa. Cruz Alta: Ilustração, 2021. Link de acesso: <https://editorailustracao.com.br/livro/metodologia-e-epistemologia>. Acesso em: 2 maio 2022.
- BAPTISTA, Saulo de Tarso Cerqueira. **Cultura Política Brasileira, Práticas Pentecostais e Neopentecostais**: A presença da Assembléia de Deus e da Igreja Universal do Reino de Deus no Congresso Nacional (1999-2006). São Bernardo do Campo, 2007. Tese apresentada como requisito para obtenção do título de doutor pela Universidade Metodista de São Paulo. Disponível em: <<http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/425/1/Saulo%20Baptista.pdf>>. Acesso em: 14 fev. 2023.
- BAPTISTA, Érica Anita; HAUBER, Gabriella; ORLANDINI, Maiara Garcia. Despolitização e populismo: as estratégias discursivas de Trump e Bolsonaro. **Media & Jornalismo**, Lisboa, v. 22, n. 40, p. 105-119, jun. 2022. Disponível em: <http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2183-54622022000100105&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 06 abr. 2023.
- BEDIN, Gilmar Antônio; NIELSSON, Joice Graciele. A crise da década de 1970: observações sobre as ideias neoliberais e suas consequências. In: COSTA, L.C., NOGUEIRA, V. M. R., and SILVA, V. R., orgs. **A política social na América do Sul**: perspectivas e desafios no século XXI [online]. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2013. Disponível em: <<https://books.scielo.org/id/rfv9p/pdf/costa-9788577982318-02.pdf>>. Acesso em: 22 maio 2023.
- Benção para a Família. **Edir Macedo**. 24 de dezembro de 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3duLS3dcV6g>>. Acesso em: 28 abr. 2023. VÍDEO REMOVIDO.
- BIBLIOTECA DA PRESIDENCIA DA REPÚBLICA. Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/biografia/biografia>>. Acesso em 12 mar.2024.

BIMBATI, Ana Paula. Mais ideológica, bancada evangélica tem 20% da Câmara, mas não atinge meta. **Uol**, 2022. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/10/09/bancada-evangelica-camara-deputados.htm>>. Acesso em: 15 maio 2023.

BOITO JUNIOR, Armando. O caminho brasileiro para o fascismo. **Caderno CRH**, v. 34, n. 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ccrh/a/CSKYLS49WkF4Zr7fnFJTMmm/#>>. Acesso em: 7 mar. 2023.

_____. Por que caracterizar o bolsonarismo como neofascismo. **Crítica Marxista**, n. 50, pp. 111-119. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3OM07N0>>. Acesso em: 09 maio 2023.

Bolsonaro diz que indicará ao STF ministro "terrivelmente evangélico". **TV Migalhas**. 10 de jul. de 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mxn8eJvmaul>>. Acesso em 23 mar. 2024.

BORBA, Julian. Cultura política, ideologia e comportamento eleitoral: alguns apontamentos teóricos sobre o caso brasileiro. **Opinião Pública** [online]. 2005, v. 11, n. 1, pp. 147-168. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-6276200500100006>>. Acesso em: 23 set. 2021.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 30 jan. 2023.

BURCKHART, Thiago. Constitucionalismo, Direitos Humanos e Laicidade: Neopentecostalismo e Política no Brasil Contemporâneo. **Revista Eletrônica Direito e Política**, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciência Jurídica da UNIVALI, v.13, n.1, Itajaí; 2018. Disponível em: <www.univali.br/direitoepolitica>. Acesso em: 28 fev. 2023.

CAMPOS, Leonildo Silveira. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. **Revista USP**, São Paulo, n.67, p. 100-115. 2005. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13458>>. Acesso em: 22 set. 2023.

CARDOSO, Renato. 5 motivos que mostram que é impossível ser cristão e ser de esquerda. **Folha Universal**. 2022. Disponível em: <<https://www.universal.org/noticias/post/5-motivos-que-mostram-que-e-impossivel-ser-cristao-e-ser-de-esquerda/>>. Acesso em: 29 nov. 2023.

DATAFOLHA. **Datafolha: Brasileiros vão menos à igreja e dão menos contribuições**. Junho. 2022. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/06/datafolha-brasileiros-vao-menos-a-igreja-e-dao-menos-contribuicoes.shtml>>. Acesso em: 17 mar. 2024.

Direita ou esquerda? Qual tem sido a sua fé? Edir Macedo. **Canal do bispo Edir Macedo**. 23 set. 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7ttzTXy0liU>>. Acesso em: 17 abr. 2023

ECO, Umberto. **O fascismo eterno**. 1.ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.

ESTADO DE MINAS. **CPF cancelado!, comemora Bolsonaro sobre a morte de Lázaro Barbosa.** Junho. 2021. Disponível em:

<https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2021/06/28/interna_nacional,1281227/cpf-cancelado-comemora-bolsonaro-sobre-a-morte-de-lazaro-barbosa.shtml#:~:text=O%20presidente%20Jair%20Bolsonaro%20%28sem%20partido%29%20comemorou%20a,ref%C3%A9ns%20no%20Distrito%20Federal%20%28DF%29%20e%20em%20Goi%C3%A1s>. Acesso em: 9 maio 2023.

EXAME. **Bolsonaro diz que livros didáticos têm "muita coisa escrita".**

Janeiro. 2020. Disponível em: <<https://exame.com/brasil/bolsonaro-diz-que-livros-didaticos-tem-muita-coisa-escrita/>>. Acesso em: 2 jan. 2024.

GUERREIRO, C.; ALMEIDA, R. DE . Negacionismo religioso: Bolsonaro e lideranças evangélicas na pandemia Covid-19. **Religião & Sociedade**, v. 41, n. Relig. soc., 2021 41(2), maio 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rs/a/4JrSBZDRqG8c9RJzCfxz4BN/?lang=pt#>>. Acesso em: 22 fev. 2023.

GRACINO, P.; TARGINO, J.; REZENDE, G. S. Religiões públicas e demandas por reconhecimento: reflexões a partir dos dados da pesquisa com jovens participantes de movimentos religiosos de massa na cidade do Rio de Janeiro. **Religião & Sociedade**, v. 39, n. Relig. soc., 2019 39(2), maio 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rs/a/g4P6P5ktL5jRNvXLXSCQ8DL/?lang=pt#>>. Acesso em: 21 fev. 2013.

Jejum pelo direito da fé em deus, na pátria e na família. Edir Macedo. **Canal do bispo Edir Macedo.** 04 out. 2022. 1 vídeo (18:54 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=B3iFazt1Oo4>>. Acesso em: 17abr. 2023.

JOVEM PAN. **Bolsonaro é criticado após posar para foto com placa 'CPF cancelado.** 25 de abril de 2021. Disponível em:

<<https://jovempan.com.br/noticias/politica/bolsonaro-e-criticado-apos-posar-para-foto-com-placa-cpf-cancelado.html>>. Acesso em: 9 maio 2023.

LACERDA, Marina. **Neoconservadorismo de periferia:** articulação familista, primitiva e neoliberal na Câmara dos Deputados. Tese (Doutorado em Ciência Política). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <<http://www.bdtd.uerj.br/handle/1/12476>>. Acesso em: 1º fev. 2023.

_____. Contra o comunismo demoníaco: o apoio evangélico ao regime militar brasileiro e seu paralelo com o endosso da direita cristã ao governo Bolsonaro. **Religião & Sociedade**, v. 42. 2022. Acesso em:

<<https://www.scielo.br/j/rs/a/Yvgm4T74KWZHN4vYttLrxVB/?lang=pt#>>. Acesso em: 22 fev. 2023.

LEVITSKY, Steven; ZIBLAT, Daniel. **Como as democracias morrem.** Ed. Zahar. 2019. E-book. Disponível em: <<http://dagobah.com.br/wp-content/uploads/2019/02/Como-as-Democracias-Morrem-Sтивен-Levitsky.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2022.

LIMA, Diana Nogueira de Oliveira. "Trabalho", "mudança de vida" e "prosperidade" entre fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus. **Religião & Sociedade**, 2007. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0100-85872007000100007>>. Acesso em: 20 fev. 2023.

_____. Prosperidade na década de 1990: etnografia do compromisso de trabalho entre Deus e o fiel da Igreja Universal do Reino de Deus. **Dados**, 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/dados/a/FVfyjtRFRBTjqPDZhWWy4Lw/>>. Acesso em: 11 maio 2023.

LIMA, Vanessa. Jair Bolsonaro diz que mulher deve ganhar salário menor porque engravida. **Revista Crescer**, 2014. Disponível em: <<https://revistacrescer.globo.com/Familia/Maes-e-Trabalho/noticia/2015/02/jair-bolsonaro-diz-que-mulher-deve-ganhar-salario-menor-porque-engravida.html>>. Acesso em: 9 maio 2023.

LIMA, Délcio Monteiro de Lima. **Os demônios descem do Norte**. 5 edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1991.

LIONÇO, Tatiana. Psicologia, Democracia e Laicidade em Tempos de Fundamentalismo Religioso no Brasil. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 37, n. spe, p. 208–223, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/t87YD9SWxKQtmHxrkMxJbZs/?lang=pt#>>. Acesso em: 07 jan. 2024.

LUBENOW, Jorge Adriano. Globalização econômica, desmonte do estado social e déficit político transnacional: uma análise crítica a partir de Jürgen Habermas. **Trans/Form/Ação** [online]. 2020, v. 43, n. 2, pp. 0099-0126. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0101-3173.2020.v43n2.06.p99>>. Acesso em: 21 set. 2021.

KALIL, Isabela. **Sob Bolsonaro, conspiracionismo guia políticas públicas**. Made for minds. Bruno Lupion. Jun. 2021. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/sob-bolsonaro-conspiracionismo-guia-pol%C3%ADticas-p%C3%BAblicas/a-57960120>>. Acesso em: 8 maio. 2023.

MACEDO, Edir. **A libertação da teologia**. 2ª edição Rio de Janeiro: Editora Gráfica Universal Ltda. 1993.

_____. **Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios**. 15ª edição. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Universal Ltda. 2004a.

_____. **Os mistérios da fé**. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Universal Ltda. 2004b.

MACHADO, Renato. LUIZ, Washington. Mendonça comemora com Michelle e diz que ida ao STF é 'salto para os evangélicos'. **Folha de São Paulo**. 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/12/mendonca-diz-que-aprovacao-para-stf-e-um-salto-para-os-evangelicos.shtml>>. Acesso em: 17 maio 2023.

MACHADO. Uirá. Guerra cultural é legado do bolsonarismo até sem Bolsonaro. **Uol**. 2023. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/04/transformacao-da-politica-em-guerra-cultural-e-legado-do-bolsonarismo-mesmo-sem-bolsonaro.shtml>>. Acesso em: 17 maio 2023.

MAFRA, Clara; SWATOWISKI, Cláudia; SAMPAIO, Camila. O projeto pastoral de Edir Macedo: uma igreja benevolente para indivíduos ambiciosos? **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 27, n. 78, p. 81–96, fev. 2012. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/ccMvHMCYvqfBqv4RzDppCgv/#>>. Acesso em: 12 maio 2023.

MANTOVANI, Denise Maria; SANTOS, Rayani Mariano dos; NASCIMENTO, Thayane Cazallas do. Estratégias neoconservadoras, gênero e família na disputa eleitoral de 2022. **Revista Estudos Feministas**, v. 31, n. 2, 2023. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/PgzK6JPVz68MyH8FB7QXwmh/#>>. Acesso em: 05 dez.2023.

MARIANO, Ricardo. Sociologia Do Crescimento Pentecostal No Brasil: Um Balanço. **Perspectiva Teológica**, [S. l.], v. 43, n. 119, p. 11, 2011. DOI: 10.20911/21768757v43n119p11/2011. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/1028>. Acesso em: 22 fev. 2023.

_____. **Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Loyola. 1999.

MÁXIMO, Wellton. Receita anula isenção tributária para líderes religiosos. **Agência Brasil**. Brasília, 2024. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2024-01/receita-anula-isencao-tributaria-para-lideres-religiosos>>. Acesso em: 17 jan. 2024.

MENDONÇA, Ricardo. Quem é André Mendonça, o servidor religioso indicado por Bolsonaro ao STF. **Valor econômico**, 2021. Disponível em: <<https://valor.globo.com/politica/noticia/2021/12/01/quem-e-andre-mendonca.ghtml>> Acesso em: 17 maio 2023.

MEU DICIONÁRIO. ORG. Disponível em: <<https://www.meudicionario.org/ersatz>>. Acesso em: 26 jan.2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. **Revista Pesquisa Qualitativa**. São Paulo (SP), v. 5, n. 7, p. 01-12, abril. 2017. Disponível em: . Acesso em: 19 jun.2022.

MOISÉS, José Álvaro. Cultura política, instituições e democracia: lições da experiência brasileira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 23, n. 66, p. 11-43, fev. 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/SwtcNzKgZLJYNQsbyy63VQt/#>>. Acesso em: 8 nov. 2023.

MOLL Neto, Roberto. **Diferenças entre neoliberalismo e neoconservadorismo: duas faces da mesma moeda?** [S. l.]: Unesp, 2015. Disponível em: <<https://ieei.unesp.br/portal/wp-content/uploads/2016/11/Diferen%C3%A7as-entre-neoliberalismo-e-neoconservadorismo.pdf>>. Acesso em: 4 abr. 2023.

_____. **Imaginando o outro e a nação nas relações internacionais: Commentary Magazine, The New Republic e o intervencionismo dos Estados Unidos na Nicarágua e El Salvador (1977 - 1992)**. 2015. 275 f. Tese (doutorado) - UNESP/UNICAMP/PUC-SP, Programa San Tiago Dantas, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/128090>>. Acesso em: 4 abr.2023.

_____. **Reaganation: a nação e o nacionalismo (neo) conservador nos Estados Unidos (1981-1988)**. 2010. 265f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010. Disponível em: <<https://app.uff.br/riuff/handle/1/22635>>. Acesso em: 4 abr.2023.

MOUNK, Yascha. **O povo contra a democracia: porque nossa liberdade corre perigo e como salvá-la**. Tradução Cássio de Arantes Leite, Débora Landsberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

NASCIMENTO, Gilberto. **Edir Macedo tem uma visão muito pragmática: Se há poder eu tô junto**. Agência Pública. Andreia Dip. jan. 2020. Disponível em: <<https://apublica.org/2020/01/o-bispo-edir-macedo-tem-uma-visao-muito-pragmatica-se-ha-poder-eu-to-junto/>>. Acesso em: 28 abr. 2023.

_____. **O reino: a história de Edir Macedo e uma radiografia da Igreja Universal**. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

OLIVEIRA, Thiago Araújo. Pulsão de morte: um elemento propulsor da intolerância ideológico-religiosa. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 24, n. 1, p. 92–114, jan. 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rlpf/a/gtJcmZ4ph6qzjwcWm69N9vH/?lang=pt#>>. Acesso em: 7 jan. 2024.

PAES NETO, José. O discurso neopentecostal na política brasileira: notas sobre liberdade de culto, abuso de direito e legitimidade democrática. **Revista Ballot**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. [17-35], jan./dez. 2019. Disponível em <<https://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/10881>>. Acesso em: 17abr. 2023.

PEREIRA, Camila P.; DUARTE, Janaína L. do N.; SANTOS, Liliam dos R. S. Capitalismo dependente, Estado e autoritarismo no Brasil. **Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 1-11, jan.-dez. 2021. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/39228/26773>>. Acesso em: 01 out.2021.

PEREIRA, Frederico Batista. Sofisticação política e opinião pública no Brasil: revisitando hipóteses clássicas. **Opinião Pública** [online]. 2013, v. 19, n. 2, pp. 291-319. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-62762013000200003>>. Acesso em: 21 set.2021.

PEREIRA, Merval. **Novilingua bolsonarista**. O globo. 2020. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/artigos/novilingua-bolsonarista>>. Acesso em: 09 maio 2023.

PODER 360. **Bolsonaro insulta repórter usando frase de conotação sexual**. 18 de fevereiro de 2020. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-insulta-reporter-usando-frase-de-conotacao-sexual/>>. Acesso em: 9 maio 2023.

RAMALHO, Renan. **Bolsonaro vira réu por falar que Maria do Rosário não merece ser estuprada**. Brasília: G1, 2016. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2016/06/bolsonaro-vira-reu-por-falar-que-maria-do-rosario-nao-merece-ser-estuprada.html>>. Acesso em: 9 maio 2023.

REIS, Toni; EGGERT, Edla. **Ideologia de gênero: uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros**. Educação & Sociedade, v. 38, n. 138, p. 09–26, jan. 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/es/a/htcmPttvFjg4sb8rYT8CzPD/#>>. Acesso em 23.mar.2024.

ROCHA, Daniel. **Da “minoría silenciosa” à Maioria Moral: transformações nas relações entre religião e política no fundamentalismo norte-americano na década de 1970**. Religião e sociedade. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0100-85872020v40n1cap04>>. Acesso em: 1º fev. 2023.

SAKAMOTO, Leonardo. **Bolsonaro repetiu a "oferta" para que os EUA explorassem a Amazônia**. Uol. 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2020/08/25/bolsonaro-insistiu-no-convite-para-que-os-eua-venham-explorar-a-amazonia.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 10 maio 2023.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como Liberdade**. 8ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SCHUMPETER, Joseph A. **Capitalismo, socialismo e democracia**. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2017. Ebook. Disponível em: <<https://elivros.love/livro/baixar-livro-capitalismo-socialismo-e-democracia-joseph-a-schumpeter-em-epub-pdf-mobi-ou-ler-online>>. Acesso em: 10 set. 2023.

SILVA, Sabrina Aparecida da. Autoritarismo e crise da democracia no Brasil: entre o passado e o presente. **Revista Katálysis**, v. 24, n. 1, p. 119–126, jan. 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rk/a/fSC79qvyV35qddNBdpTBRCs/#>>. Acesso em: 8 maio 2023.

SMIDERLE, Carlos Gustavo Sarmet Moreira. Entre Babel e Pentecostes: cosmologia evangélica no Brasil contemporâneo. **Religião & Sociedade**, v. 31, n. Relig. soc., 2011 31(2), 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rs/a/yyWBTynnQzPTR6PfdXLVjGq/?lang=pt#>> Acesso em: 21 fev. 2023.

SOUZA, Jamerson Murillo Anunciação de. O conservadorismo moderno: esboço para uma aproximação. **Serviço Social & Sociedade**, n. Serv. Soc. Soc., 2015 (122), p. 199–223, abr. 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/sssoc/a/c78TRGFhqrpDTjGHhYX3pzq/#>>. Acesso em: 2 mar. 2023.

SOUZA, Jessé. (2019). A elite do atraso. Rio de Janeiro: Estação Brasil.

STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo: a política do “nós” e “eles”**. Porto Alegre: L&PM, 2019.

SWATOWISKI, Claudia Wolff. **Texto e contextos da fé: O discurso mediado de Edir Macedo**. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 27(1): 114-131, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rs/a/r4Y4FWByVPnrKnRBwsbwXxq/?lang=pt>>. Acesso em: 29 ago. 2023.

Qual qualidade o homem quer na mulher? Edir Macedo. **Canal oficial da Igreja Universal**. 14 de março de 2016. 1 vídeo (43:25 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uSRjEhUs5OU>>. Acesso em: 28 abr. 2023.

TEIXEIRA, Pedro Pinheiro; HENRIQUES, Adrian. **O novo conservadorismo brasileiro e a educação: Mapeando suas linhas de força**. Arquivos Analíticos de Políticas Educativas, 30(89).2022. Disponível em: <<https://epaa.asu.edu/index.php/epaa/article/view/7137/2855>>. Acesso em 8. Mar.2024.

UNlcom. **Universal completa 43 anos com 10 milhões de fiéis pelo mundo**. **Univeral**. 2020. Disponível em:< <https://www.universal.org/noticias/post/universal-completa-43-anos-com-10-milhoes-de-fieis-pelo-mundo/>>. Acesso em 23 mar.2024.

UNIVERSAL, Igreja. Qual é o (real) desejo de Lula para o Brasil? **Em foco Universal**. 2022. Disponível em: <<https://www.universal.org/noticias/post/qual-e-o-real-desejo-de-lula-para-o-brasil/?amp>>. Acesso em: 20 nov.2023.

UOL. **'Gripezinha': leia a íntegra do pronunciamento de Bolsonaro sobre covid-19**. São Paulo. 2020. Disponível em:<<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/24/leia-o-pronunciamento-do-presidente-jair-bolsonaro-na-integra.htm>>. Acesso em 17 mar.2024.

VASCONCELOS, Hygino Vasconcellos. **Bolsonaro defende 'armas para cidadão de bem' em Goiás e ataca MST**. Uol. 2022. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/04/20/bolsonaro-ataca-mst-e-defende-armas-para-cidadao-de-bem-em-goias.htm>>. Acesso em: 10 maio 2023.

VEJA. **A trajetória de Jair Messias Bolsonaro**, o 38º presidente do Brasil. 2019. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/politica/a-trajetoria-de-jair-messias-bolsonaro-o-38o-presidente-do-brasil/>>. Acesso em: 30 nov. 2023.

VENÂNCIO. Renato. **Ur-fascismo**. HhMagazine Humanidades em rede. Disponível em: <<https://hhmagazine.com.br/ur-fascismo/>>. Acesso em 18 mar.2024.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**. 4 edição. São Paulo: Atlas, 2003.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016.

ZERO HORA. **Confira a entrevista dada por Bolsonaro em 2014, citada pelo candidato no Jornal Nacional**. 4 agosto de 2018. Disponível em:<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/eleicoes/noticia/2018/08/confira-a-entrevista-dada-por-bolsonaro-em-2014-citada-pelo-candidato-no-jornal-nacional-cjkfdf5op00ns01muzcwifyo8.html>>. Acesso em 23 mar.2024.